



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

IVANILDO CARLOS GOMES

**INTEGRAÇÃO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS:
O CASO DOS ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB/MALÊS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

IVANILDO CARLOS GOMES

**INTEGRAÇÃO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS:
O CASO DOS ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB/MALÊS**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Campus dos Malês.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Gomes, Ivanildo Carlos.

G617i

Integração- desafios e perspectivas: o caso dos estudantes guineenses da UNILAB/Malês / Ivanildo Carlos Gomes. - São Francisco do Conde, 2022.

60f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira.

1. Integração universitária. 2. Estudantes - Identidade. 3. Multiculturalismo. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 378.8

IVANILDO CARLOS GOMES

**INTEGRAÇÃO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS:
O CASO DOS ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB/MALÊS**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Campus dos Malês.

Aprovado em: 06/07/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB

Prof. Daniel De Lucca Reis Costa (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB

Prof.^a Dr.^a Mariana Preta Oliveira de Lyra (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB

Dedico essa inédita conquista aos meus familiares que, desde o início de tudo, sempre estiveram ao meu lado e depositaram suas confianças em mim. Por outro lado, dedico este trabalho especialmente aos meus pais que, desde sempre, foram alicerce e motivo para que tudo hoje se tornasse numa realidade.

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, me sinto gratificado pelas pessoas que me rodeiam/estão comigo desde o início deste processo. Sou grato pelo incentivo e carinho de apoio recebido pela vossa parte durante este tempo todo. Sou muito agradecido aos meus pais, que começaram a investir na minha vida estudantil desde criança até no momento de liceu e depois na vida universitária. Também aproveito este momento para agradecer meus irmãos e minhas irmãs pelas mensagens e chamadas durante este meu período de estudo no estrangeiro.

Penhorado pelo suporte dos meus familiares, especialmente a estas pessoas: Hélder José Gomes, meu tio, e a sua mulher, Famata Camará (Cláudia), ao Midana Nhassé (tio Fernando), ao Zandonaide Cabral D´almada (tio Mó), a minha tia Carolina Cá (M´pi), a tia Mariama Gomes, e as minhas primas Edica Hélder Gomes e Alcídia Gomes (Cadija). Um obrigado especial a minha incessável avó Dona Isabel, e sem esquecer-se dos meus primos Fabiano Cassama e Gilson Raul da Silva. Agradeço também meus tios Djari N´danh e seu irmão Domingos N´danh, meu muito obrigado pelas chamadas e incentivos recebidas pela vossa parte.

Aos meus amigos e amigas, gostaria de agradecer a estas pessoas: Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Luís Carlos Mida Nhaslambé e Eduardo Boni Nanque, meus incentivadores. Ao Júlio Quintino Cam-nate Sumba, meu tutor, Patrão Domingos Có e Julinho Júlio Có, meus amigos de infância. Por outro lado, não posso esquecer-me de dar meu reconhecimento a Dudu Pereira, Ido Mário Carinton e Balakov Miranda Indi que são pessoas que me acolheram durante meus primeiros seis meses de estudo no Brasil. Nessa mesma linha de raciocínio, também me sinto agradecido às pessoas que compartilharem moradia comigo Alzira Coelho, Mónica António Lima, Auzenda Vitor Có e Aminata Camará, meu muito obrigado pela convivência e experiências partilhadas durante este período. Obrigado do fundo do meu coração pelos encorajamentos e palavras sábias que recebi de vosso lado, estes jeitos vossos me deixaram muito feliz e me tornaram ainda mais forte e corajoso neste percurso académico, portanto quero dar esta conquista em troca pelos carinhos recebidos pela vossa parte durante este período.

Por fim, meus sinceros agradecimentos serão dirigidos ao meu incansável professor e orientador professor doutor Alexandre Cohn da Silveira, pelo tempo disponibilizado pela realização deste trabalho desde o seu início até etapa final, e pelas suas contribuições como orientador. Sinto-me imensamente grato a UNILAB, e ao Governo Federal do Brasil, pela oportunidade de estudar aqui e sem esquecer-me do povo brasileiro, em especial ao da cidade

(são franciscanos), e outras. Também agradeço a meus entrevistados pelas respostas dadas,
MUITO OBRIGADO!

Num mundo globalizado, a simplicidade é a chave para uma boa interação com os outros. Por isso, interaja e conheça a cultura dos outros, pois só assim poderemos mudar o mundo! - Ivanildo Carlos Gomes

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo principal descrever as questões relacionadas ao processo de integração dos estudantes guineenses dentro da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), incluindo os desafios enfrentados por esse público. Neste trabalho também são discutidas questões ligadas ao multiculturalismo, à interculturalidade e à identidade, conceitos importantes para a discussão proposta. Igualmente temos a intenção de compreender as razões que contribuem para a vinda de estudantes da Guiné-Bissau para o Brasil, mais especificamente para a UNILAB, percebendo em que medida o processo de integração intercultural vivido por esses estudantes participam de suas vidas depois de terminarem a graduação. Para a realização da pesquisa foram coletadas informações de estudantes guineenses que estavam em três momentos distintos do processo, a saber: estudantes ingressantes, estudantes em fase de conclusão de curso e estudantes já graduados. Com base nas respostas, realizamos análises qualitativas das respostas a partir de critérios pré-estabelecidos relativos à busca por formação fora da Guiné-Bissau, às dificuldades e desafios enfrentados, à integração – e possível exclusão – vivenciados na universidade e à vida pós-UNILAB e as perspectivas de retorno à Guiné-Bissau. O trabalho em si traz uma abordagem que consegue esclarecer às dificuldades enfrentadas pelos estudantes guineenses, tanto no âmbito acadêmico, quanto pessoal durante suas formações. A realidade difícil da política e da educação guineenses são fatores fundamentais para que esses estudantes busquem a UNILAB, com seu projeto internacionalista e multicultural, para suas formações acadêmicas. Percebe-se que, antes de regressarem ao país de origem, a prioridade desses estudantes é aproveitar ao máximo todas as oportunidades em termos de graduação e pós-graduação no Brasil, uma vez que, superadas as dificuldades, sentem-se encorajados a realizar sua formação de forma ampla neste país.

Palavras-chave: Estudantes - Identidade. Integração universitária. Multiculturalismo.

REZUMU

Prizenti monografia tene suma ojetivu principal diskirbi kistons ligadu a purcesu di n'tegrason di studantis guineense dentru di Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), juntadu ku disafius ku es jintis pasa. Nes tarbaju tambi i diskutidu kusas ligadu ku multiculturalismo, interculturalidade ku identidade, suma forma di juda na n'tindi purcesu di n'tegrason dentru des universidade. Pa es no tene n'tenson di n'tindi kal ku razon ku ta fasi studandis sai di Guiné-Bissau pa bin studa na Brasil, prinsipalmenti na UNILAB pa pisibi na kal midida ki pursesu di n'tegrason interkultural ku es studantis pasa pudi juda na bida dipus di e kaba formason. Pa fasi e piskiza i juntadu n'formason di studantis guineenses ku sta ba na tris mumentu diferenti, ku sedu: studantis ku kunsu entra, studantis ku pertu kaba i studantis ku kaba ja. Suma ku resposta sedu, no fasi analis qualitativa di respostas ku no risibi apartir di purguntas ku fasidu pa buska formason fora di Guiné-Bissau, difikuldadis ku dizafius ku e pasa, n'tegrason – ku pusivel siparason – vididu na Universidade i se vida dipus di UNILAB i perspectiva di riba na Guiné-Bissau. Tarbaju propi tisi kusas ku konsigui limpasa kal ku difikuldadis ku studantis guineenses passa, na parti di skola suma na se bida durante se formason. Realidadi difícil di pulitika i di edukason guineense e sedu kusas prinsipal pa e studantis busca UNILAB, ku si purjetu di fora i ku manga di kultura, pa se formason na skola. I pirsibidu kuma antis di e riba pa se país, se purmeru kusa i purbita tudu oportunidadi na mumentus di formason i dipus di graduason na Brasil, ora ku e supera ja e difikuldadis eta sinti koragem pa realiza se formason di forma mas ampla na es país.

Palabras-tchábi: Multikulturalismu. N'tegrason universitária. Studantis - Identidade.

ABSTRACT

The main objective of this monograph is to describe the issues related to the process of integration of Guinean students within the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), including the challenges faced by this public. This work also discusses issues related to multiculturalism, interculturalism, and identity, as a way of helping in the understanding of the integration process within this university. We also intend to understand the reasons that contribute to the coming of students from Guinea-Bissau to Brazil, more specifically to UNILAB, and understand to what extent the process of intercultural integration experienced by these students participates in their lives after graduating. In order to carry out the research, information was collected from Guinean students who were at three distinct moments in the process, namely: entering students, students at the end of the course, and students who have already graduated. Based on the answers, we carried out qualitative analyzes of the answers based on pre-established criteria related to the search for training outside Guinea-Bissau, the difficulties and challenges faced, the integration - and possible exclusion - experienced at the university, and post-UNILAB life, and the prospects of returning to Guinea-Bissau. The work itself brings an approach that manages to clarify the difficulties faced by Guinean students, both academically and personally during their training. The hard reality of Guinean politics and education are fundamental factors for these students to seek UNILAB, with its internationalist and multicultural project, for their academic training. It can be seen that, before returning to their country of origin, the priority for these students is to make the most of all the opportunities in terms of undergraduate and graduate studies in Brazil; since, once they have overcome the difficulties, they feel encouraged to carry out their education in a broad way in this country.

Keywords: Multiculturalism. Students - Identity. University integration.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

ASEA - Associação dos Estudantes Africanos e amigos da África

BIH - Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades

CPLP - Comunidade dos Países da Língua Oficial Portuguesa

PALOP - Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa

PEC-G - Programa de Estudantes-Convênio de Graduação

PROPAE - Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis

SAMBA - Seminário de Ambientação Acadêmica

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 | CAPÍTULO I: DISCUTINDO A INTEGRAÇÃO E OUTROS CONCEITOS | 18 |
| 2.1 | O QUE É INTEGRAÇÃO? | 18 |
| 2.2 | IDENTIDADE SOCIAL E A INTEGRAÇÃO | 21 |
| 2.3 | INTERCULTURALIDADE, MULTICULTURALISMO E INTEGRAÇÃO | 23 |
| 3 | CAPÍTULO II: A UNILAB E OS ESTUDANTES GUINEENSES: DESAFIOS E PERSPECTIVAS | 28 |
| 3.1 | OS ESTUDANTES GUINEENSES NA UNILAB/MALÊS | 28 |
| 4 | CAPÍTULO III: A PESQUISA REALIZADA | 35 |
| 4.1 | A PESQUISA | 35 |
| 4.2 | ANÁLISE DOS DADOS | 37 |
| 4.2.1 | Entrevista com estudantes ingressantes na UNILAB/Malês | 37 |
| 4.2.2 | Entrevista com estudantes concluintes | 39 |
| 4.2.3 | Entrevistas com guineenses ex-alunos da UNILAB/Malês | 46 |
| 4.3 | COMENTÁRIOS ANALÍTICOS SOBRE AS RESPOSTAS DADAS | 48 |
| 4.3.1 | Formação fora da Guiné-Bissau | 48 |
| 4.3.2 | Dificuldades e desafios enfrentados | 49 |
| 4.3.3 | Integração e exclusão na universidade | 50 |
| 4.3.4 | Vida pós-UNILAB/Malês: perspectivas e retorno à Guiné-Bissau | 52 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 54 |
| | Referências | 57 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender a situação do processo da integração dos estudantes guineenses na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), especificamente no Campus dos Malês, pois, depois da criação da UNILAB, houve a vinda considerável dos estudantes guineenses ao Brasil com intuito de obter um diploma de graduação. Face a isso, a UNILAB, como sendo uma das universidades brasileiras que mais recebe estudantes guineenses, nos comove e convida a realizar um estudo deste tipo, de buscar compreender e entender como foi o processo da integração destes estudantes durante seus períodos de estudos nesta universidade.

Buscamos, em primeiro lugar, dialogar com dois autores que já escreveram sobre a integração um no âmbito da UNILAB/Malês e outro sobre PEC-G (Programa de Estudantes de Convênio de Graduação) – Tcham (2012) e Sumba (2019) – e suas colocações constituíram um ponto estratégico para que o nosso leitor entenda melhor as nossas preocupações e a elaboração das perguntas de pesquisa. A UNILAB/ Malês, sendo uma universidade composta por estudantes de diversos países, constitui-se como espaço de acolhimento de uma diversidade que já se manifesta no seio dos países de origem de cada um, bem como na relação entre discentes e docentes. Nessa perspectiva, Brasil e Guiné-Bissau mesmo sendo membros pertencentes da mesma comunidade CPLP, ainda se encontra dificuldades entorno da comunicação como acrescenta Tcham (2012), que, “[...] as diferenças que também representam a maior dificuldade são de comunicação: Às vezes aparece uma diferença enorme no português falado aqui, eu acho que já aconteceu comigo, eles te interpretam mal. Você faz uma pergunta e eles te respondem outra. Às vezes não se entende bem. Sotaque contribui nisso” [...] (TCHAM, 2012, p. 38). Por outro lado, além desta dificuldade por questão da língua, podemos encontrar também outras dificuldades por parte dos estudantes, sobretudo no sistema de ensino brasileiro, que é completamente diferente ao da Guiné-Bissau. Como nos diz Sumba (2019), “[...] o sistema de ensino brasileiro não é igual ao sistema africano, no que concerne aos fichamentos, às resenhas, resumos etc., que constituem os fatores que mais dificultam aprendizados por parte dos estudantes guineenses, uma vez que seja algo novo para os mesmos” (SUMBA, 2019, p. 31).

Diante disso, estas inquietações ilustradas nos conduziram a levantar questões pertinentes para o nosso trabalho: Quais desafios enfrentados pelos estudantes guineenses e quais os mecanismos utilizados para a superação desses desafios? Como se dá a questão da integração na UNILAB/Malês? Quais são suas perspectivas de vida pós-UNILAB/Malês?

Então, partindo nisso, tendo em conta ao nosso objeto de estudo que é a integração e os desafios vivenciados pelos estudantes guineenses na UNILAB/Malês, os nossos objetivos específicos que este estudo possui são: entender os desafios enfrentados ao longo dos estudos na UNILAB/Malês; analisar o processo da integração existente na UNILAB/Malês para com os estudantes guineenses; descrever as perspectivas de vida dos estudantes pós-UNILAB/Malês.

Os motivos que me levaram à escolha desse tema e à realização do trabalho são vários, os quais podem ser agrupados em três grupos: primeiro por interesse pessoal, por ser guineense e participante das questões relacionadas à pesquisa; segundo pela relevância acadêmica, e; terceiro, pela importância social das questões levantadas na formação dos estudantes guineenses. No que diz respeito ao primeiro tudo isso, começou/surgiu durante o meu segundo semestre no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BIH), no momento em que a professora Lucilene Rezende Alcanfor, da disciplina Metodologia de Pesquisa I, fazia análises de temas sobre nosso pré-projeto de pesquisa e, durante a aula, a professora argumentou que seria importante que os estudantes falassem das suas vida e experiência estudantil na UNILAB/Malês. Esta ideia apresentada pela professora foi um dos motivos que me comoveram à realização desse trabalho. Eu realmente queria escrever um trabalho a respeito do meu país, mas essa ideia de escrever sobre a vida dos estudantes guineenses na UNILAB/Malês vem dela e acabei por me apaixonar pelo tema e me aproximar mais sobre a questão, tendo decidido falar numa perspectiva mais voltada aos desafios que os estudantes guineenses enfrentam nos seus processos da integração na universidade e suas perspectivas de vida para depois de formados.

Por outro lado, além desse motivo, outra razão que me motivou a escrever esse trabalho é que existem poucas referências de trabalho falando sobre a integração de estudantes guineenses na UNILAB/Malês. Então, nesta senda, é extremamente importante à realização de um trabalho desse tipo como forma de permitir o entendimento e explicar melhor quais são as dificuldades enfrentadas e como estão sendo enfrentadas pelos estudantes durante seus períodos de estudo. Neste caso, um trabalho desse tipo que visa debruçar-se sobre a integração é muito relevante não só para os estudantes guineenses, mas também para estudantes brasileiros e outros estudantes internacionais, pois visa compreender como se dá esse processo da integração dentro da UNILAB/Malês, e de que maneira a instituição está conseguindo lidar com pessoas de outras nacionalidades e culturas diferentes. Portanto, com esses entendimentos imaginamos que os que tiverem contato com esse trabalho vão conseguir perceber um pouco como acontece o processo da integração dentro da UNILAB/Malês.

Já no âmbito acadêmico, o trabalho também proporciona um debate interessante sobre a integração, questões ligadas ao multiculturalismo, identidade e interculturalidade. Diante desse enquadramento conceitual, entendemos por bem que esta monografia é muito importante para o ambiente acadêmico, especialmente para uma universidade onde haja questões ligadas ao relacionamento de povos com culturas diferentes, como é caso da UNILAB/Malês. O trabalho também possui uma grande relevância social e acadêmica, sobretudo numa universidade internacional onde a questão de raça, sexo, cultura, gênero são debatidas incansavelmente. Escrever um trabalho desse tipo serve como uma ferramenta para que as pessoas possam compreender e entender melhor como uma educação intercultural opera e quais os desafios a serem enfrentados para uma melhor integração dos sujeitos o que permite que haja respeito às diferenças e o combate às diversas formas de discriminação na sociedade.

Além disso, esperamos que este trabalho seja importante no campo acadêmico, uma vez que servirá de material de pesquisa que ajudará os futuros pesquisadores em seus trabalhos relacionados à questão dos desafios da integração no ensino superior e no que tange à interculturalidade. A contribuição deste trabalho é grande, pois permitirá conhecer as dificuldades enfrentadas pelos estudantes guineenses na UNILAB/Malês durante as suas formações, além disso, servirá de ferramenta para o debate sobre os desafios da integração.

Neste trabalho procuramos entender processo da integração de estudantes guineenses dentro da UNILAB/Malês, suas relações com a comunidade São Franciscana e os motivos que fizeram com que estes/as estudantes a procurarem Brasil em específico UNILAB/Malês para realizar seus estudos. Diante disso, para atingirmos os nossos objetivos traçados nesse trabalho a nossa pesquisa contará com seguintes procedimentos metodológicos no qual utilizamos a pesquisa bibliográfica como forma de tornar o nosso trabalho mais verídico e credível, pois segundo Fonseca (2002), esse é um tipo de pesquisa que é feita “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos”, por outro lado, além desse tipo de pesquisa o trabalho também conterà abordagem qualitativa e viés exploratório. E por último, utilizamos como técnica para coletas de dados o questionário uma vez que vamos coletar informações com pessoas que já não se encontra na cidade e, entendemos por bem utilizar essa técnica para coleta de informações com nossos entrevistados uma vez que essa técnica permite essa possibilidade fazer questionários as pessoas mesmo quando não se encontram no mesmo país.

A presente monografia está dividida em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo discute a integração e outros conceitos fundamentais

para o entendimento das questões levantadas ao longo da pesquisa. Portanto discutimos sobre identidade, multiculturalismo e interculturalidade como forma de amparo teórico para que possamos entender como se dá um processo da integração no ambiente da UNILAB/Malês.

No segundo capítulo, intitulado “A UNILAB/Malês e os estudantes guineenses: desafios e perspectivas pós- formação”, propomos uma discussão ligada/voltada à inserção dos estudantes e seus processos de integração na UNILAB/Malês. Além disso, relatamos questões ligadas as suas convivências fora do ambiente escolar, isto é, com a comunidade são franciscana. Por outro lado, exploramos um pouco sobre as perspectivas de vida após suas formações na UNILAB/Malês.

No terceiro e último capítulo deste trabalho apresentamos a pesquisa realizada, abordando questões mais voltadas aos procedimentos metodológicos. Neste capítulo são explicados como foram feitas as entrevistas para o trabalho, apresentamos as respostas dos/das entrevistados/as e também as análises dos dados levantados. Portanto, esta é a síntese sobre os capítulos e a composição do trabalho, para que haja uma maior compreensão do processo de investigação realizado.

2 CAPÍTULO I: DISCUTINDO A INTEGRAÇÃO E OUTROS CONCEITOS

Neste capítulo vamos tratar de questões ligadas à integração, identidade, multiculturalismo e interculturalidade como forma de podermos entender melhor o que estes conceitos significam para nosso trabalho. Uma vez que situarmos tais conceitos na discussão proposta, teremos um suporte teórico adequado para atingirmos os objetivos traçados nessa pesquisa. Dito isso, primeiramente começaremos com o conceito da integração e como este conceito se relaciona com a UNILAB/Malês. Em seguida, vamos discutir os conceitos de interculturalidade, multiculturalismo e identidade em sua interseção com a ideia de integração dentro da UNILAB/Malês, observando as questões que emergem desses cruzamentos conceituais.

2.1 O QUE É INTEGRAÇÃO?

Nessa seção apresentaremos a gênese do conceito de integração a partir da perspectiva de alguns autores, um conceito que está inserido na proposta principal da UNILAB/Malês, como espaço de integração entre diferentes culturas. Sabemos que UNILAB/Malês é uma universidade que incorpora não só estudantes brasileiros de diversos estados do país, mas também possui uma diversidade de estudantes dos países da língua oficial portuguesa. Por isso, nesse universo de diferentes povos, de diferentes nacionalidades e culturas, a integração, além de ser uma característica que certamente enriquece o universo da instituição, também consiste num grande desafio.

Integração envolve o ato ou efeito de integrar e, para o campo dos estudos da sociologia, refere-se à adaptação ou incorporação de um indivíduo ou grupo externo numa comunidade, num meio, tendo a “segregação” como o seu movimento contrário. (HOUAISS DICIONÁRIO). No campo da Educação, a ideia de integração começa a ser mobilizada a partir de um processo histórico de segregação daqueles que não tinham acesso às escolas, sobretudo no que diz respeito às pessoas com deficiência.

Historicamente, o sistema de ensino tem passado por grandes transformações no sentido de uma construção mais inclusiva, igualitária e democrática do acesso à educação. Séculos atrás, por exemplo, as crianças com deficientes não eram incorporadas no mesmo sistema de ensino, juntamente com as crianças que não são deficientes como afirmam Sanches e Teodoro (2006),

[...] A intervenção junto de crianças em situação de deficiência mental ou sensorial foi, durante décadas, desenvolvida por pessoas individuais, as quais, por razões de ordem diversa, acreditaram que era possível mudar o status quo e elegeram a escolarização destas crianças como a bandeira das suas vidas e a ela se entregaram sem reservas. A sua ação desenvolveu-se em instituições particulares ou da responsabilidade da Segurança social, longe dos meios normais de ensino, da responsabilidade do Ministério da Educação, pela «perigosidade» que eles representavam para os outros ou porque não se acreditava que fossem capazes de aceder à escolarização. [...] (SANCHES; TEODORO, 2006, p. 66).

Nessa ótica, de acordo com as abordagens apresentadas pelos autores, compreende-se que as crianças com deficiência eram consideradas um “perigo” para as demais. Por isso, houve uma necessidade de criação de instituições particulares, com professores especializados na área, como forma de lhes ajudarem em seu desenvolvimento porque não se acreditava que eram capazes de aprender com/como os outros não deficientes.

Com a evolução de estudos e da mentalidade humana, houve mudanças significativas nesse processo. Entretanto, somente no ano de 1959, a Dinamarca “inclui na sua legislação o conceito de «normalização», entendido como a possibilidade de o deficiente mental desenvolver um tipo de vida tão normal quanto possível” (BANK-MIKKELSEN, 1969, *apud* SANCHES e TEODORO 2006). Esse processo de integração ganhou ainda mais força no ano seguinte, quando alguns países da Europa adotaram essas ideias no sistema de ensino para as suas crianças. A legislação dinamarquesa, de 1959, deu origem ao processo da integração e inclusão escolar que dá oportunidade de educação para todos. Mais tarde esse processo expandiu para outros países de Europa e para o resto de mundo.

A partir dessas questões – em que a ideia de “integração” está relacionada com a inclusão de pessoas separadas do sistema educacional por serem consideradas incapazes – proponho observarmos algumas outras discussões como forma de entendermos melhor os significados construídos para “integração”. Neste sentido, apresento o posicionamento da National Association of Retarded Citizens (E.U.A.), que define a integração (escolar) como a.

Oferta de serviços educativos que se põem em prática mediante a disponibilidade de uma variedade de alternativas de ensino e de classes que são adequadas ao plano educativo, para cada aluno, permitindo a máxima integração institucional, temporal e social entre alunos deficientes e não deficientes durante a jornada escolar normal (NATIONAL ASSOCIATION OF RETARDED CITIZENS, *apud* SANCHES; TEODORO, 2006, p. 65).

Já na perspectiva de Pires (1999), o autor considera que a integração.

[...]é corretamente usado na literatura sociológica para designar, no plano micro, o modo como os atores são incorporados num espaço social comum, e, no plano

macro, o modo como são compatibilizados diferentes subsistemas sociais. O domínio da integração constitui, pois, uma das dimensões do problema da ordem na medida em que envolve os modos de padronização da vida social no âmbito das articulações problemáticas entre as “partes” e o “todo” (PIRES, 1999, p. 09).

Wolfensberger (1972), por sua vez, salienta que “a integração é o oposto a segregação, consistindo o processo de integração nas práticas e nas medidas que maximizam (potencializam) a participação das pessoas em atividades comuns (mainstream) da sua cultura”. (WOLFENSBERGER, *apud* SANCHES; TEODORO, 2006, p. 65).

Através das ideias apresentadas anteriormente, é possível entender que a integração é um processo onde diferentes indivíduos são inseridos/incorporados dentro de um sistema, onde eles possam interagir uns com outros de uma forma harmoniosa, pois o processo da integração é sinônimo de reunir e de incorporar as diversidades (sexo, raça, cor, etnia, nacionalidade etc.) dentro de um só sistema de interação como forma de lhes unir e propor uma convivência saudável e favorável a todos, sem a reprodução de preconceitos e xenofobia. Ou seja, o processo de integrar é juntar, unir, colocar unidos os diferentes e, por isso, é o oposto de qualquer ação que vise separar ou segregar os indivíduos.

Não só, integrar é também criar condições para que os diferentes convivam de forma harmoniosa, no caso de integrar na educação, além de conviver, os diferentes precisam de condições que facilitem os aprendizados propostos pela instituição educacional e que, igualmente, tenham suas formas de produção de conhecimento reconhecidas e respeitadas. Por exemplo, o caso da UNILAB/Malês proporciona uma integração educacional porque são ofertados componentes curriculares em que os/as estudantes podem realizar apresentação de seminários voltados à história dos seus países, ampliando, assim o conhecimento da realidade cultural de cada um. Podemos apresentar também, como outro exemplo, a forma como alguns professores fazem durante a formação de grupos de seminários, não deixando que alunos formem seus grupos apenas com integrantes do mesmo país, mas sim, grupos são formados misturando pessoas de nacionalidades diferentes.

Esse processo, por sua vez, acaba por influenciar a interação entre alunos, porque os/as estudantes procuram, através dos/das seus/suas colegas, conhecerem um pouco sobre os países deles/delas. Vale lembrar ainda que a integração escolar não inclui somente os estudantes, mas também os professores, técnicos, pessoal da limpeza, pessoal de restaurante universitário, seguranças, motoristas, ou seja, de uma forma resumida comunidade acadêmica em geral são inseridos nesse processo. Diante disso, o nosso destaque vai para os professores estão abertos às diferenças culturais e sempre procuram conhecer e entender um pouco do

universo dos seus estudantes quando falam sobre seus povos, o que demonstra o papel principal dos professores dentro da UNILAB/Malês, em estimular a interculturalidade e fazer com que outros alunos procurem saber sobre a cultura dos demais.

A integração social no contexto do ensino superior é um processo de múltiplos fatores que vai desde adaptação no sistema de ensino, questão da língua, cultural e convivência com outras pessoas. A integração social no ensino superior como a UNILAB/Malês é bastante complexa principalmente pelos estudantes provenientes de outros países que têm que enfrentar outras realidades diferentes a deles/delas, por outro lado, essa nova vivência acabam por criar series de dificuldades para os mesmos, como por exemplo, na adaptação do sistema de ensino novo que completamente diferente a do seu país como também em questão de adaptação em torno da questão da língua, de comunicação e convivência com outras pessoas.

2.2 IDENTIDADE SOCIAL E A INTEGRAÇÃO

Antes de aprofundamos sobre como se afirma a questão da identidade social dentro de um processo da integração propomos/trazemos algumas discussões voltadas em torno desse conceito, que segundo a perspectiva de Tilio (2009), a identidade social pode ser entendida “como o sentimento de pertencer a um determinado grupo, ou seja, é a identidade que define o que você tem em comum com algumas pessoas e o que o torna diferente de outras” (WEEKS, *Apud* TILIO, 2009, p. 110).

Por outro lado, nesse sentido de ajudar melhor na compreensão e no entendimento desse conceito trazemos outra contribuição desse mesmo autor citando Bradley que segundo eles a identidade social,

Se refere ao modo como nós, enquanto indivíduos, nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros nos posicionando. As identidades sociais provém das várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam (BRADLEY, *Apud* TILIO, 2009, p. 110) .

Com os autores acima citados dá para perceber a identidade social como algo que nos serve de autoafirmação, de auto definição e de identificar o que nos identifica e diferencia com outras pessoas dentro de um contexto social. Portanto, num mundo diversificado, em que a questão da identidade ganha lugar/espaco cada vez maior, a interação multicultural é muito importante para podermos saber respeitar as diferenças identitárias existentes. A identidade, como uma construção social, serve como base para processos de hierarquização social, de

separação e de diferenciação entre as pessoas, justamente porque as identidades são atravessadas por relações de poder, o que remete diferenciar as pessoas conforme seus privilégios sociais. A identidade de cada um/uma sempre está acompanhada da diferença, conforme explica Da Silva (2012), porque na medida em que estou a me identificar como uma coisa é porque o outro não é a mesma coisa que eu sou. Ou seja, se eu sou é porque o outro não é o mesmo que eu. E como considera Da Silva (2012),

em geral, consideremos diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente a qual se define a diferença. Isto é reflete a tendência de tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. (DA SILVA, 2012, p. 75-76).

De modo geral essa relação entre diferença e identidade só ganha relevância na medida em que existem pessoas de categorias (raça, sexo, religião etc.) diferentes, porque marcar diferenças perde o sentido em meio a semelhantes. Então, de uma forma resumida, é possível entender a identidade como algo que serve para nos identificar em relação a outras pessoas, e de nos servir como referência sobre aquilo que nós somos. Nessa mesma linha de pensamento Da Silva (2012), afirma que a,

[...] em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir “identidade”. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou homossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo, nessa perspectiva a identidade só tem como referência a si próprio: ela é autocontida e autossuficiente (DA SILVA, 2012, p. 74).

Diante disso, é importante levar em consideração que a questão da identidade é muitas vezes importante como forma de nos situarmos socialmente, sendo uma forma de autodeterminação, de inscrição política e que pode nos ajudar a construir relações sem pormos em causa as identidades alheias ou acharmos que somos melhores que alguém. Identificarmos a nós mesmos é uma forma de nos conhecermos, de entendermos o que nos identifica com os outros e o que nos diferencia ao mesmo tempo deles. Na medida em que nos conhecermos, nos identificarmos como algo, isso nos ajuda a entender, superar e quebrar as barreiras que podiam impedir a nossa interação com um grupo de pessoas.

Portanto num contexto da integração de diferentes povos e nacionalidades diferentes, diferentes sexos e gêneros, diferentes raças e culturas como a UNILAB/Malês, é importante destacar o papel da identidade como forma de ajudar a nos conhecermos melhor e de nos identificarmos com aquilo que realmente somos e acreditamos, sem marcarmos restrições

com os outros. Nesse contexto, podemos destacar o papel da multiculturalidade que serve como alicerce para proporcionar um enriquecimento na boa convivência entre as pessoas de culturas diferentes, sem pôr em causa ou achar que a minha cultura é melhor que a outra, pois uma vez que levamos em consideração estes pressupostos básicos de multiculturalismo isso nos ajuda a entender que em momento algum nenhuma cultura é superior ou melhor que outra, portanto entendemos que uma relação construir na base de interação entre culturas diferentes ajuda na superação e quebra de barreiras que podiam impedir o nosso relacionamento com outros.

2.3 INTERCULTURALIDADE, MULTICULTURALISMO E INTEGRAÇÃO

Na atualidade, uma vez falando de multiculturalismo, não se pode deixar de falar da interculturalidade, porque ambas estão interligadas. É preciso entender que a interculturalidade e o multiculturalismo não são a mesma coisa, mais sim ideias que estão interligadas. O multiculturalismo destaca a existência de múltiplas culturas dentro de um mesmo contexto social, ao passo que a interculturalidade, como o próprio nome indica a partir do prefixo “inter”, sugere um cruzamento, uma mistura ou uma interação que ocorre entre grupos de indivíduos com culturas diferentes, pois uma interculturalidade bem conduzida prevê a superação e quebra de barreiras impostas nas relações entre culturas diferentes dentro de um determinado espaço social.

Nesta tentativa de entender melhor o que é a interculturalidade, trazemos a contribuição de Fonet-Betancourt, citado por Damázio (2008), que explica que a interculturalidade “[...] pelo contrário, aponta para a comunicação e a interação entre as culturas, buscando uma qualidade interativa das relações das culturas entre si e não uma mera coexistência fática entre distintas culturas em um mesmo espaço” (FORNET-BETANCOURT, Apud DAMÁZIO, 2008, p. 77). Em suma, num espaço social compartilhado por diferentes grupos de indivíduos, com suas diferentes culturas e marcas identitárias como na UNILAB/Malês, a relação intercultural é muito importante como forma de poder estabelecer ligações e diálogos entre o que favorece uma educação e uma integração mais ampliadas.

A interação intercultural entre diferentes povos num espaço social compartilhado demanda respeito à diversidade étnica, linguística, de orientação sexual, de questões de gênero, de confissão religiosa etc. A convivência entre esses grupos precisa ocorrer sem preconceito, sem exclusão do outro e sem a demonstração de uma suposta superioridade de

um grupo sobre os demais. A UNILAB/Malês é um espaço social onde todas essas diversidades estão presentes, envolvendo tanto os brasileiros como os estrangeiros. Consiste, portanto, num espaço social e educacional que promove relações interculturais em todas as suas ações universitárias.

Mas este processo de relação intercultural entre diferentes grupos sociais demanda respeito, interação e aprendizagem. Nesse sentido, recorremos a Candau (2008), citando Walsh, que nos explica que a interculturalidade é;

Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade. Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade. Uma meta a alcançar. (WALSH, *apud* CANDAU, 2008, p. 23-24).

Nesta dinâmica de relação entre culturas diferentes, o mais importante é o respeito à identidade do outro e respeito à diversidade cultural, como considera autora, por isso, nessa perspectiva de acordo com visão passada na citação acima a interculturalidade é um processo que recomenda novos aprendizados e conhecimentos através da interação entre cultura de povos diferentes. Portanto, a relação entre culturas diferentes é muito importante na nossa relação da dia a dia como forma de nos permitir construir uma sociedade pautada no respeito à diversidade, inclusive numa dinâmica acadêmica como da UNILAB/Malês, onde nos propôs uma convivência acadêmica de pessoas de nacionalidades diferentes, e essa convivência nem sempre foi saudável e harmoniosa, pois conflito é um dos processos da relação intercultural, por outro lado, essa interação entre estes diferentes grupos sociais dentro da UNILAB/Malês, não são mantidas ocultas, mas sim são visíveis, e proporciona um intercambio onde que permite as trocas de experienciais e aprendizados entre estas culturas diferentes.

Por outro lado, essas diferenças culturais também permitem a interação e aprendizado entre povos de culturas diferentes no nosso dia a dia dentro da UNILAB/Malês, como acontece entre povos brasileiros e estrangeiros, e também dentre os diferentes grupos de estrangeiros. Podemos perceber a força e o “colorido” dessa diversidade da UNILAB/Malês no festival da cultura, que é um evento universitário anual que permite a cada povo representar a sua cultura através de alguma manifestação artística.

Num mundo globalizado em que vivemos é importante destacar a importância da relação multicultural, num ambiente em que existem várias culturas diferentes, a inter-relação entre elas (multiculturalismo), serve como base/forma para construir respeito a essa diferença existente entre elas e de diálogo que pauta para evitar possível choque, porque a falta de comunicação e de interação entre as culturas num ambiente pode criar choque e preconceito entre elas. Então a UNILAB/Malês como sendo um lugar onde a diversidade se integra (culturais, étnicos, raciais, etárias, religioso, linguísticas, sexuais e de gêneros), é muito importante que esses detalhes de multiculturalismo fossem levados em consideração para que possam evitar choques entre as culturas existentes dentro dela, portanto nessa passagem procurarmos entender/compreender melhor o que é multiculturalismo e como ele se encaixa no contexto da UNILAB/Malês, por isso, trazemos a contribuição da Candau (2008), sobre o termo multiculturalismo que segundo a sua perspectiva, o multiculturalismo não nasceu no contexto escolar, mas sim nas lutas sociais dos grupos discriminados e excluídos, autora ainda salienta que o multiculturalismo é;

[...] Convém ter sempre presente que o multiculturalismo não nasceu nas universidades e no âmbito acadêmico em geral. São as lutas dos grupos sociais discriminados e excluídos, dos movimentos sociais, especialmente os referidos às questões étnicas e, entre eles, de modo particularmente significativo entre nós, os referidos às identidades negras, que constituem o locus de produção do multiculturalismo [...] (CANDAUI, 2008, p. 18).

Uma vez compreendendo que o multiculturalismo não nasceu no contexto escolar e nem no contexto acadêmico em geral, mas sim através de luta de classes de pessoas socialmente discriminadas, isso nos ajuda a entender que a política de multiculturalismo é uma política emancipatória que é construído através da interação entre as culturas diferentes e essa interação por sua vez acaba por permitir com que as pessoas conhecem a história de cada um e abandonar os estereótipos têm sobre o outro, desse modo, multiculturalismo no contexto escolar da UNILAB/Malês, pode ser entendido como forma de construir a interação entre estas culturas diferentes e proporcionar uma educação emancipatória que vai dar voz a esses grupos discriminados e excluídos da sociedade.

Tanto interculturalidade como multiculturalismo propõem a intervenção, interação e inclusão entre diferentes grupos sociais dentro de um determinado espaço social. Essas são as bases dessas duas concepções, as suas pautas de luta pela forma de como criar uma sociedade mais pluralista, diversificada e democrática que vai permitir, através da interação e de inclusão dos diferentes grupos, construir uma sociedade mais justa e igualitária sem

preconceito e discriminação de raça, sexo, gênero, etnia etc. Por isso, vale salientar que dentro dessa relação intercultural deve ser levada em consideração a questão da alteridade, em que, de acordo com a opinião de Ramos (2016), “[...] o encontro intercultural, as relações entre o Eu e o Outro, são influenciados por representações sociais, por estereótipos, preconceitos, projeções culturais, ideológicas e políticas. Estes elementos vão ter importância, quer na aceitação/inclusão do Outro, quer na discriminação/exclusão da diferença, do estrangeiro [...] (RAMOS, 2016, p. 190)”.

É importante observar o contexto da UNILAB/Malês, segundo as informações disponibilizadas pela Diretoria de Registro e Controle Acadêmico (DRCA) referentes a dezembro de 2020 (UNILAB, 2020). Temos hoje, na universidade, o seguinte panorama estudantil com relação à sua nacionalidade:

| Nacionalidade dos estudantes | | | | | | | | | | |
|------------------------------|-----|----|----|----|----|-----|-----|----|-----|----|
| Brasileiros | 809 | | | | | | | | | |
| Africanos ¹ | ANG | 92 | CV | 06 | GB | 167 | MOZ | 03 | STP | 09 |
| Timorenses | 00 | | | | | | | | | |

Fonte: Produção própria.

No que diz respeito ao sexo² dos estudantes, segundo a DRCA, o panorama é o seguinte:

| Sexo dos estudantes | |
|---------------------|-----|
| Homens | 370 |
| Mulheres | 717 |

Fonte: Produção própria.

Portanto, é possível observar que havia, em 2020, aproximadamente, 75% de estudantes brasileiros e 25% de estudantes estrangeiros na UNILAB, uma realidade que não é muito diferente das atuais, apesar de não termos os números oficiais disponibilizados. Esses estudantes estrangeiros representam um número diverso de grupos étnico-linguísticos, de culturas, de religiões e de cosmovisões distintas. Igualmente, havia e há uma diversidade

¹ Compostos por angolanos (ANG), caboverdianos (CV), guineenses (GB), moçambicanos (MO) e santomenses (STP).

² Embora nos pareça mais adequado, a DRCA não utiliza o termo “gênero” em sua apresentação de dados.

de gênero presente na UNILAB/Malês, ainda que aqui não se possa estabelecer uma visão mais fiel à realidade diante da perspectiva de quantificação biológica existente. Tudo isso nos traz uma percepção do quadro diverso, múltiplo e complexo do corpo discente que a UNILAB/Malês possui.

Retomando a explicação feita por Ramos (2016), compreende-se que essa relação entre “Eu e Outro” na UNILAB/Malês, pode ser agravado pelas construções sociais que o autor apresenta, dado o contexto da própria universidade apresentado. Aqui entra o papel fundamental de questões como o multiculturalismo e a interculturalidade porque sendo possíveis alicerces que oferecem caminhos principais para superar, romper e acabar com barreiras que levam à discriminação, podem, ao mesmo tempo, num contexto tão múltiplo como o da UNILAB/Malês, impedir a interação entre as culturas diferentes.

Entendemos que as relações sociais construídas na base de multiculturalismo e interculturalidade visam não só romper e acabar com discriminação, mas sim procurar mecanismos e fornecer formas como eles podem ser combatidos e lidados com eles dentro de uma sociedade. Portanto, vale salientar que a UNILAB/Malês, como um lugar onde as diversidades são representadas, é um espaço propício para a promoção do respeito e da interação em torno das múltiplas identidades encontradas na universidade, tanto no aspecto cultural, como de raça, sexo, religião, gênero, de nacionalidades etc.

3 CAPÍTULO II: A UNILAB E OS ESTUDANTES GUINEENSES: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Nesse segundo capítulo de trabalho trazemos algumas abordagens sobre os estudantes guineenses dentro da UNILAB/Malês e fora de ambiente universitário, isto é, na sua relação com a comunidade são franciscana onde estão residindo. Por outro lado, o capítulo também visa trazer alguns desafios enfrentados por estes estudantes durante suas formações acadêmicas, além de suas perspectivas para a vida pós-UNILAB/Malês. Dito isso, começaremos a primeira parte desse capítulo com abordagens ligadas a desafios enfrentados pelos estes estudantes em suas integrações e, posteriormente, iremos expor sobre o ponto de vista destes estudantes sobre a vida pós- formação.

3.1 OS ESTUDANTES GUINEENSES NA UNILAB/MALÊS

A UNILAB/Malês é um espaço coberto pela diversidade, não só dos povos de diferentes continentes e países, como também por diferentes representações religiosas, diferentes gêneros, raças, línguas, culturas etc. Essa diversidade convive na instituição, enfrentando seus desafios em busca da construção de formas de relação respeitadas e abertas ao diálogo e à construção colaborativa de conhecimentos. Como dissemos antes, o multiculturalismo e a interação intercultural constituem prioridade para a construção de uma sociedade mais justa, livre de preconceitos e pautada pela equidade.

Nesse sentido, esse processo exige o entendimento identitário e o reconhecimento do universo identitário do “outro”, e a UNILAB/Malês, sendo uma universidade de integração internacional de diferentes povos dos países da língua oficial portuguesa, propõe essa integração como propósito de contribuir para a construção dessa sociedade mais incluyente, pautada pelo reconhecimento da diferença cultural, linguística, religiosa, sexual etc.

Sabemos que esse processo de integração exige os pressupostos básicos de multiculturalismo e interculturalidade, que são a interação, a ausência da exclusão do outro, o respeito às diversidades, às identidades, a ausência de preconceitos e de uma superioridade racial, dentre outros fatores. No entanto, em muitos casos, esses pressupostos acabam por serem infringidos dentro da UNILAB/Malês, tanto pelos estudantes nacionais como pelos internacionais. Portanto é muitíssimo importante salientar que algumas situações devem ser trazidas à tona e não silenciadas para que haja um entendimento mais amplo dos problemas vivenciados no cotidiano universitário e, assim, para que sejam enfrentados e combatidos.

Os primeiros momentos/semestres, dos estudantes guineenses dentro e fora da UNILAB/Malês não são nada fáceis para adaptar. Partindo da minha experiência pessoal, as primeiras dificuldades que os/as alunos/as se defrontam nos primeiros momentos tem a ver com o sistema de ensino completamente diferente daquele existente em nosso país, sobretudo no que toca às atividades acadêmicas, nomeadamente resenhas, fichamentos, resumos, citações de acordo com as normas de ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) etc. Nesse sentido, preciso destacar uma importante iniciativa da universidade em prol da superação dessas dificuldades, e em prol da integração, que é a criação do “Programa PULSAR”. Esse programa institucional tem como objetivos:

Promover a adaptação do estudante à UNILAB mediante a apresentação e a difusão da missão e dos paradigmas estatutários e normativos que orientam a instituição; II. Contribuir para a permanência qualificada do estudante nos cursos de graduação da UNILAB; III. Orientar o estudante para uma transição tranquila da Educação Básica para a Superior; IV. Promover ações que auxiliem o fortalecimento do desempenho acadêmico dos estudantes com vistas à construção de uma experiência acadêmica de excelência; V. Fazer reconhecer, vivenciar e refletir sobre a interdisciplinaridade dos conhecimentos científicos e tecnológicos, assim como as relações entre ensino, pesquisa e extensão e o ambiente universitário em geral; VI. Incentivar a independência e autonomia, tornando o estudante empreendedor da sua própria formação e reflexivo sobre o próprio processo de aprendizagem; VII. Contribuir para a integração sociocultural do estudante no ambiente acadêmico, e VIII. Habilitá-lo ou dar-lhe instrumentos para que faça escolhas curriculares e formativas condizentes com seus interesses e com as normas da graduação. (PROGRAMA PULSAR, 2019, p. 03-04).

Com os objetivos do Programa explicitado, torna mais compreensível qual é a função desempenhada pelos seus tutores. Os tutores desse programa têm como a missão auxiliar os alunos durante seus primeiros semestres na UNILAB/Malês, desde os procedimentos mais comuns da vida universitária, até questões específicas como: o que toca com as normas de ABNT, manuseamento de sistema integrado de gestão de atividades acadêmicas (SIGAA), importância e funcionamento das atividades de pesquisa e extensão, tecnologia etc. Em geral, essas orientações dos tutores são peças fundamentais na integração sociocultural dos estudantes na UNILAB/Malês, porque conseguem colmatar as principais dificuldades dos alunos e ajudá-los em sua superação.

Vale também ressaltar a relevância de Seminário de Ambientação Acadêmica (SAMBA), outro programa de acolhimento e integração da UNILAB, coordenado pela Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAAE/UNILAB), e que tem como objetivo promover a recepção e dar boas vindas aos novos/as estudantes tanto nacionais como

estrangeiros/as. Como a PROPAE, através de sua Coordenação de Políticas Estudantis (COEST), indica

O SAMBA é uma ação realizada pela COEST/PROPAE em colaboração com as demais pró-reitorias da UNILAB. O seminário ocorre nos períodos de entrada de estudantes ingressantes e tem como objetivos: promover o acolhimento e a ambientação à vida acadêmica; facilitar a integração intercultural ao ambiente acadêmico e à rotina universitária, contribuindo para a permanência estudantil no ensino superior; fomentar a socialização de informações sobre às questões de raça/etnia, gênero; prestar esclarecimentos sobre as legislações brasileiras aos estudantes internacionais e repassar informações sobre as ações desenvolvidas pela universidade no âmbito da permanência estudantil (COEST-PROPAE, s/d).

Pelo que tudo indica SAMBA tem por finalidade promover acolhimento e facilitar a integração de novos/as estudantes dentro da UNILAB/Malês. Por isso, durante o seminário, acontecem rodas de conversas, oficinas, palestras, danças etc. Tudo isso como forma de ajudar no acolhimento e na integração dos/as estudantes nos seus momentos iniciais. No SAMBA, os estudantes veteranos são recrutados como monitores no sentido de poderem melhor atender aos ingressantes, quer no que diz respeito ao evento e à própria universidade, quer no que se refere ao acolhimento linguístico desses estudantes.

Outros eventos que se organiza pelos próprios estudantes a fim de promover a integração são os seguintes: torneio de futsal entre cursos, um evento semestral que se organiza por Associação de Estudantes e Amigos de África (ASEA). Para, além disso, acontecem também eventos como atividades alusivas a comemoração do dia de África, reuniões de acolhimento com propósito de promover a integração entre estudantes veteranos e ingressantes.

A questão linguística e cultural própria de cada grupo provoca algumas situações problemáticas entre alunos de nacionalidades diferentes tanto dentro da sala de aula como durante os intervalos. Muitas das vezes, as rodas de conversa são formadas somente por pessoas da mesma nacionalidade e esse processo, por sua vez, acaba por criar clima de má tensão, que pode resultar na exclusão de indivíduos e preconceitos. E podemos ainda ir mais longe, tomando em consideração as justificativas dos alunos sobre esse fato, de acordo com Sumba (2019),

Para alguns estudantes brasileiros disseram que os africanos são muito mais “fechados” com relação aos brasileiros que muitas das vezes reclamam a falta de interação dos africanos principalmente nos primeiros dias de aula. Para alguns estudantes africanos os olhares de alguns estudantes brasileiro (as) na sala de aula não é um olhar simples dá para perceber que existe alguma coisa por detrás [...] (SUMBA, 2019, p. 41).

Então com a explanação de Sumba compreende-se que a relação entre os estudantes brasileiros e estrangeiros, nos primeiros momentos, acontece em um clima de desconfiança e estranheza do “outro”, e esse processo, por sua vez, acaba por dificultar a integração entre os estudantes nos primeiros momentos.

A língua é uma questão fundamental dentro da integração, num processo de interação entre povos diferentes como o que ocorre na UNILAB/Malês, onde cada grupo tem a sua língua e suas culturas próprias. É muito relevante a compreensão da realidade linguística do outro, porque partindo da minha vivência como guineense, isso dificulta bastante os processos de interação. É importante destacar que, diferente do que muitos pensam, a Guiné-Bissau não é um país de falantes de língua portuguesa, isto é, o português é falado por uma minoria da população e é mais frequente ser falado nos locais institucionais, em “serviços” administrativos e escolas, principalmente nos centros urbanos. Grande parte da população se comunica utilizando a língua guineense que é a língua mais falada quase por todo povo. Depois dela, vêm as línguas étnicas e isso mostra que o português configura na terceira posição quando estamos a tratar das línguas faladas na Guiné-Bissau.

Muitas das vezes, nós, estudantes guineenses, falamos nossa língua materna, o crioulo, e dificilmente abrimos mãos dela mesmo quando estamos com pessoas que não compreendem essa língua. Isso acaba por gerar maus entendimentos nos ouvidos destes outros estudantes, tanto brasileiros como estrangeiros, e muitas vezes eles perguntam: “Estão falando mal de mim?” Outros acabam por se sentirem discriminados ou desrespeitados. Portanto, é muito importante, nesse sentido a compreensão da língua “do outro” dentro de uma relação intercultural, como forma de não criar maus entendimentos.

A UNILAB/Malês é uma universidade multicultural e sua política visa estabelecer a interação entre essas culturas diferentes. Só que não podemos descartar/deixar de fora, ou melhor, silenciar, que dentro de uma relação social entre culturas diferentes a discriminação e o preconceito vão estar sempre presentes, pois porque essa relação intercultural são construídas na base da história vivenciada por cada grupo e são traçados na base de poder. E, conforme Candau (2008) explica dizendo que “[...] as relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos” (CANDAUI, 2008, p. 23).

Então, uma vez compreendido que as relações interculturais são construídas na base de poder e história, buscamos mostrar como isso acaba por afetar e impactar o nosso relacionamento com o outro. Se observarmos a UNILAB/Malês, no primeiro semestre dos

alunos na universidade, fica marcante o clima de desconfiança, estranheza, e de barreiras/limites entre estudantes em relação aos outros. Toda essa estranheza e limites são baseados nas construções históricas e sociais que já estavam no imaginário das pessoas – ingressantes ou não – em relação aos outros grupos da pessoa. Só que esta construção, por sua vez, pode afetar ainda mais o relacionamento interpessoal na medida em que o imaginário já criado pela pessoa pode gerar preconceito e desconfiança.

Fora da UNILAB/Malês, a relação entre os estudantes guineenses e a comunidade são franciscana é bastante complexa, tendo em conta o estranhamento causado pelo povo africano junto aos locais. Esse estranhamento dificulta o processo de adaptação e integração dos guineenses no sentido que muitos moradores da cidade de São Francisco do Conde processo, o que fez com que não confiam em disponibilizar/alugar suas casas para os africanos. Como explica Sumba (2019), o povo são franciscano não estava preparado para receber estudantes africanos, pois;

Na altura para um estudante africano conseguir arrendar uma casa na cidade era um “Bicho-de-sete-cabeças” ninguém queria deixar a sua casa ser arrendado por africanos devido ao preconceito que os povos São Franciscanos têm contra os africanos. Algumas donas de casa aumentam o preço do aluguel só porque não querem que os africanos morassem nas suas casas (SUMBA, 2019, p. 47).

E tais problemas de aumento de preço do aluguel das casas por parte de são franciscanos fez com que estudantes partilhassem as casas com outros colegas em vez de morarem sozinhos tendo em conta as despesas e o valor do auxílio recebido que não iria cobrir todas as despesas. E para se ter uma noção de subida de preços de aluguel das casas, conforme o mesmo autor, nos anos de 2014 e 2015 “[...] antes da UNILAB/Malês, o aluguel de uma casa de um quarto com a cozinha e o banheiro “quitinete” era tipo R\$ 150,00 a R\$ 200,00, mas a pouco tempo atrás eu morei nesse tipo de casa e pagava R\$ 350,00 e ainda eu tenho que pagar luz e água[...]”. Para uma casa de dois ou três quartos, os preços de aluguel, segundo Sumba (2019, p, 48),

[...] entre R\$ 400,00 e R\$ 450,00 para uma casa de dois quartos e de R\$ 500,00 e R\$ 600,00 para as casas de três quartos, mas com a exceção das contas da energia e água para banho e cozinha, pois, não serve para beber porque, quase todas estas casas aqui na cidade não têm filtro nas torneiras e sendo assim, a água não dá para o consumo das pessoas e são obrigados a comprar água fornecida pelas empresas Brasil Gás [...].

Atualmente, na cidade os preços das casas parecem estar a seguir uma norma fixa pelos proprietários ou até mesmo parece que combinaram os preços dos aluguéis, porque os

preços são fixos, sendo R\$ 350,00 para casa de um quarto, R\$ 500,00 para casa de dois quartos e R\$ 600,00 para casa de três quartos. É muito difícil encontrar uma casa com preço menor que esses na cidade.

Uma das causas que acarretaram esse problema é que a chegada dos estudantes africanos na cidade não era esperada pelo povo local, como explica Sumba (2019)

[...] a chegada dos africanos na cidade, algo que muitos cidadãos do município não esperavam, pois não houve uma campanha de sensibilização que antecedesse a chegada dos estudantes dos PALOP's. Além do mais, a cidade é pequena e não está preparada em termos logísticos para receber um número significativo de pessoas vindas de fora. (SUMBA, 2019, p. 46).

Esta afirmação mostra o lapso deixado/cometido pela UNILAB/Malês, pelo governo municipal e pelo governo federal brasileiro em relação ao preparo local do povo da cidade para receber uma universidade com a diversidade da UNILAB/Malês. Talvez, se houvesse uma campanha de sensibilização dos locais antes da chegada dos estudantes estrangeiros, provavelmente isso ajudaria na recepção e na preparação de casas para acolhimento desses estudantes por parte da comunidade e, conseqüentemente, reduziria os estranhamentos do povo da cidade em relação aos estudantes vindos de fora.

Ainda sobre a instalação dos estudantes/moradia estudantil para estudantes em geral, procuramos alguns documentos da UNILAB e constatamos que, segundo a Diretriz Geral da UNILAB (2010):

As instalações físicas responderão às demandas de uma universidade residencial e o projeto físico do campus, em fase adiantada de elaboração, está sendo realizado pela Universidade Federal do Ceará. Ele prevê, em um ambiente acolhedor e propício à vida e aos estudos na universidade, não só edificações para salas de aula, mas também biblioteca, laboratórios, restaurante universitário, além de prédios para moradia de estudantes e de docentes (DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB, 2010, p.49).

Como podemos observar acima, a UNILAB deixou bem claro na sua Diretriz que seriam construídas edificações não só para salas de aulas e restaurantes universitários, como também para moradia de discentes e docentes, como forma de proporcionar um ambiente acolhedor e de integração entre estudantes de diferentes nacionalidades e professores. Por outro lado, podemos ver que esse projeto já está em andamento e em fase muito avançada apenas na sede da UNILAB, no Ceará, onde já são construídas essas moradias estudantis. No entanto, elas ainda não estão em funcionamento. Diante disso, seria preciso pensar em algumas iniciativas desse tipo também para o Campus dos Malês, o que nos leva a fazer essa

crítica à Diretriz da UNILAB, como um projeto somente pensado para campus da UNILAB de Ceará.

4 CAPÍTULO III: A PESQUISA REALIZADA

O capítulo vigente apresentará os resultados alcançados com a pesquisa feita, objetivos da pesquisa e descreverá todos os procedimentos que são tomados para realização das entrevistas. Também será apresentado quem são os entrevistados, bem como, por último vamos apresentar nossas análises sobre os dados das entrevistas coletados.

4.1 A PESQUISA

Para conseguirmos estes resultados no nosso trabalho realizamos uma pesquisa com várias características. Dentre os quais realizamos pesquisa de tipo “pesquisa bibliográfica” que segundo a perspectiva de Fonseca (2002) pressupõe que:

[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 31).

Recorremos à pesquisa bibliográfica porque se refere ao mecanismo que possibilita o investigador a ter contato com materiais já publicados por diferentes formas e plataformas, e também utilizamos estes materiais como forma de tornar nosso trabalho mais verídico e dar-lhe suporte.

Outrossim, tendo em conta ao tema e objetivo de pesquisa, o trabalho tem uma abordagem qualitativa, que na ótica de Córdova e Silveira (2009), “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [...]” (GOLDENBERG, *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.31).

Por outro lado, a pesquisa possui um viés exploratório, de modo que esse método, em conformidade com Silveira e Córdova (2009), pressupõe:

[...] como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: levantamento bibliográfico entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35).

Utilizamos a pesquisa exploratória como forma de nos estimular em tornar o trabalho mais claro, compreensível e permitir construir hipóteses. Realizamos, também, o estudo de campo com os estudantes de maneira que isso nos possibilitou compreender os relatos das suas trajetórias, seus desafios enfrentados na universidade e suas perspectivas. Por isso, fez-se necessário realizar as entrevistas com os estudantes guineenses, uma vez que constituem o objeto/sujeito de estudo em causa. Nessa senda, entrevistamos doze estudantes e utilizamos como técnica para coletas de dados, o questionário que, na perspectiva de Chaer, Diniz e Ribeiro (2011);

O questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, *apud* CHAER, DINIZ e RIBEIRO, 2011, p. 260). E, segundo estes mesmos autores a técnica de coleta de dados por via de questionário tem como vantagens:

Possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; garante o anonimato das respostas; permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (GIL, *apud* CHAER, DINIZ e RIBEIRO, 2011, p. 260).

Recorremos a essa técnica de coleta de informações através de questionários, porque segundo autores supracitados é um procedimento que permite com que o investigador apresente questões por escritos as pessoas, por outro lado, além disso, também permite com que o investigador tem contato com a pessoa para além da situação geográfica que se encontra e evita influência de opiniões sobre seus entrevistados. Então, optamos por recorrer a essa técnica tendo em conta o momento pandêmico em que estamos, além disso, uma vez que vamos coletar informações com estudantes que já não se encontra na cidade é muito importante usar esta técnica como forma de poder ter contato com eles/as e permitir com que eles/as sintam-se a vontade quando for por dar suas respostas.

Todavia os objetivos destes questionários é compreender e analisar os desafios enfrentados por estes estudantes na UNILAB/Malês, e outro objetivo é compreender quais são os verdadeiros motivos de não regresso desses estudantes ao seu país de origem. Os questionamentos foram realizados por meio virtual, através de Google Formulário e Arquivo e, em alguns casos, em Formato Microsoft Word, contando com as perguntas elaboradas e espaços para respostas, os dados da entrevista foram coletados pelos mesmos meios, e

participaram das entrevistas três (3) ex-estudantes da UNILAB/Malês, cinco (5) que estão no último semestre dos cursos de graduação, e quatro (4) que estão nos seus primeiros semestres.

Os perfis dos/as nossos/as doze (12), entrevistados é composto de seguinte maneira: dos dozes pessoas entrevistados setes são mulheres e cinco são homens, com a média de faixa etária de 20 a 35 anos de idade. No qual o grupo de estudantes ingressantes é formado por estudantes de curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, isto é, dos quatro entrevistados/as nesse grupo três são mulheres e um homem, já para estudantes que estão na fase final da conclusão de curso, dos cinco entrevistados/as quatro são mulheres e um homem, no qual o grupo é composto por estudantes de curso de Pedagogia, Ciências Sociais, História, Relações Internacionais e Letras e Língua Portuguesa, e por último, o grupo de estudantes que já regressaram para o país, todos três são homens e de curso de Pedagogia, História e Ciências Sociais, desse jeito que é composto os perfis dos/as nossos/as entrevistados.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Na análise dos dados apresentaremos cada pergunta feita, uma a uma, e colocamos todas as respostas dadas pelos entrevistados para cada pergunta.

4.2.1 Entrevista com estudantes ingressantes na UNILAB/Malês

- 1) Na sua opinião, o que obriga estudantes guineenses saírem de seu país para estudar no estrangeiro, em específico no Brasil (UNILAB/Malês)?

| Estudante | Resposta |
|-----------|--|
| A1 | O que obriga estudantes guineenses saírem de seu país para estudar no estrangeiro tudo tem a ver com a situação do país , porém, a Guiné-Bissau não tem a universidade Pública , como sabemos que é um país com uma boa parte da população pobre por isso muitos não tem o capital financeiro para poder sustentar seus estudos . Além disso, as universidades privadas não têm várias áreas , ou seja, vários cursos e também não são tão grandes para poder ingressar uma grande quantidade dos alunos , e também com a falta dos professores para atuar em diferentes cursos. E não só também com a falta da biblioteca e dos materiais acadêmicos para poder aprofundar seus estudos. Desse modo, é um dos motivos que obrigam os estudantes guineenses saíram de seu país para estudar no estrangeiro para poder cursar seus cursos de preferencias e estudar com mais |

| | |
|----|---|
| | facilidade em termos de matérias acadêmicas e ganhar mais experiências. |
| A2 | Com relação a está questão, definirei algum fator básico que obriga os estudantes guineenses a preferiram estudar no estrangeiro em específico o Brasil (UNILAB) A meu ver, é a situação em que se encontra o país, falta duma política do governo ligado à educação , o país dispõe de número reduzido das universidades que não está conseguindo albergar o fluxo de alunos que está crescendo duma forma proporcionar ano após ano. Além disso, as sucessivas greves no setor de ensino que afeta drasticamente na aprendizagem dos estudantes, são conjuntos de fatores que motiva o êxodo dos estudantes guineense para o estrangeiro, a procura duma formação ou educação de qualidade que o país não lhe oferece. |
| A3 | Na minha modesta opinião, penso que as maiorias dos guineenses saem do país para estudar no exterior por falta de qualidade de ensino, também por não existência de universidade pública gratuita . |
| A4 | Na minha opinião, é através do sistema educacional porque o ensino que os guineenses possuem não é a mesma com dos estrangeiro principalmente no Brasil é muito deferente desde creche, o ensino fundamental, médio e superior isso é um dos motivos que levou a fuga dos estudantes guineenses para o país estrangeiro. Além disso, condições financeiras também é motivo de saída dos estudantes na Guiné se você não tem recursos financeiros não como de estudar isso levou muitos Jovens a não ter acesso a um bom estudo, mas no estrangeiro a condição é melhor do que próprio seu país de origem. |

- 2) Durante o seu estudo acadêmico na UNILAB/Malês, você já passou por alguma dificuldade acadêmica? Se a sua resposta foi sim quais foram às dificuldades e como conseguiu superá-las?

| Estudante | Resposta |
|-----------|---|
| A1 | Sim, passei por dificuldades em termos de fazer atividades acadêmicas como Resumo, Resenha, Fichamento entre outros. Porque são atividades diferentes do meu ensino e o sistema de ensinamento também é muito diferente. |
| A2 | A verdade é que as dificuldades acompanham o estudante durante o seu percurso na academia , sendo assim, confesso que passei o mesmo em termos de adaptação, ou seja, na familiarização do método de ensino superior que era tudo novo para mim, por outro lado, a questão linguística nos primeiros momentos me limita bastante, às vezes fico sem compreender algumas coisas na comunicação dum colega Brasileiro ou Angolano e também do professor. Porém, essas dificuldades vêm sendo superados em decorrer dos tempos, com amizades e por aí vai. Sem esquecer o papel fundamental dos professores e alunos veteranos que me impulsionaram bastante. |
| A3 | Sim, a dificuldade é concernente à carga de leitura e produção de alguns textos de |

| | |
|----|--|
| | gênero acadêmico , por exemplo, resumo, resenha e fichamento. |
| A4 | Sim. Sou recém-chegado de 2020.1, a primeira dificuldade é deparar com estudo remoto nunca estudei este tipo de estudo, em seguida, é dificuldade de compreensão de aprendizado com os professores e alunos por ser aulas distâncias e estou tentando superar já estou no bom caminho. |

- 3) Você já se sentiu excluído em relação aos povos de outras nacionalidades? Se a sua resposta for sim, conte como foi essa exclusão. E qual foi a sua reação e atitudes que tomou?

| Estudante | Resposta |
|-----------|--|
| A1 | Até o momento presente, não houve comigo a exclusão por parte dos colegas ou pessoas das outras nacionalidades. |
| A2 | Felizmente não . |
| A3 | Felizmente não |
| A4 | Não . |

4.2.2 Entrevista com estudantes concluintes

- 1) Na sua opinião, o que obriga estudantes guineenses saírem de seu país para estudar no estrangeiro, em específico Brasil (UNILAB/Malês)?

| Estudantes | Resposta |
|------------|---|
| B1 | Bom, eu diria que a inexistência ou existência precária do ensino superior no país, e, conseqüentemente o fator da instabilidade econômica e política contribuíram e ainda contribuem de maneira gigantesca o refugio ou a redenção de jovens guineenses a procurarem as instituições universitárias fora do país . No obstante, não importa a qualidade dessas instituições de ensino no estrangeiro, a grande preocupação da juventude guineense nos últimos anos é sair e estudar. No caso dos estudantes guineenses procurarem o Brasil não é recente, visto desde as décadas de 1980, já havia estudantes guineenses no Brasil, mas nos últimos 10 anos, o fluxo se aumentou principalmente com criação da universidade de integração da lusofonia afro-brasileira (UNILAB), que destina 50% das suas vagas para países da lusofonia com exceção Portugal . Acaba proporcionando ainda mais interesses dos estudantes oriundos dos PALOP, a se procurem concretizarem os seus anseios e sonhos de estudar numa faculdade estrangeira de qualidade , no caso guineense ainda é mais nítido, considerando que a UNILAB tem mais estudantes da Guiné-Bissau comparados com outros países de PALOP. |

| | |
|----|--|
| | <p>Portanto, a resposta mais plausível é a falta do ensino superior de qualidade no país, que por sua vez controlado por várias variáveis como: instabilidades políticas, sociais, econômicas e ambientais, condicionando mais corrupção generalizada, pobre extrema e desigualdades sociais.</p> |
| B2 | <p>Para mim, de forma mais direto, a constante saída dos guineenses para estudar no estrangeiro, sobretudo no Brasil e especificamente no UNILAB, tem a ver com a falta de possibilidade de muitas famílias guineenses não conseguem custear a educação dos filhos e das filhas depois do liceu. Além disso, tem a questão da qualidade do ensino e busca das melhores oportunidades. Pois, há pessoas que abandonaram as universidades na Guiné para começar nova.</p> |
| B3 | <p>O que obriga os estudantes guineenses a estudar no estrangeiro se deve a fragilidade das estruturas educacional, o Brasil nos últimos 10 anos é um dos países que mais recebe os estudantes guineenses, e como a Guiné Bissau é um Estado com poucas universidades publicas os guineenses se vêm no Brasil uma oportunidade que não é dado pelo seu país de origem é caso da UNILAB é único projeto com transparência na seleção dos estudantes isso porque não está ligada ao Ministério da educação da Guiné por isso uma oportunidade excepcional na qual você não precisa ser filha\o do ministro ou pagar uma quantia extra para conseguir, estas são uma das razões que eleva os estudantes guineenses escolhessem Brasil em particular a UNILAB.</p> |
| B4 | <p>Na minha concepção, os guineenses saem à procura de estudos para o mundo exterior devido à falta de condições e infraestruturas, tangente ao ensino superior e não só, necessários para uma boa prática de ensino-aprendizagem. O povo guineense é um povo que luta e labuta por si, apesar de possuímos um Estado e um conjunto de líderes que deveriam trabalhar em prol do desenvolvimento humano e do povo. Ausente esse dever do Estado, o povo se vê numa luta diária para enfrentar a vida e em busca de melhores condições. No entanto, uma destas lutas é a questão referente à aquisição do conhecimento, uma vez que vivemos numa época que exige uma leitura clara e imparcial dos fenômenos que nos cercam e, sobretudo, esses estudantes são dotados e impelidos pela vontade de um dia mudar o quadro e a conjuntura em que se encontra o país. Vale também ressaltar a questão de se estudar em realidade alheia, uma forma também de aprender e construir conhecimento fora de seu lugar.</p> <p>Em relação à escolha do Brasil, em específico, gostaria de salientar a questão da língua e o processo histórico aproximado. Substancialmente, estes fatos poderiam explicar a influência cultural do Brasil na Guiné-Bissau, e, em contrapartida, esta influência poderia, também, explicar a questão da preferência dos estudantes em escolher o Brasil.</p> |
| B5 | <p>A meu ver, é a oportunidade de estudar fora de forma gratuita que levam muitos</p> |

| | |
|--|---|
| | estudantes guineenses a procurarem o Brasil. Além disso, as novelas contribuem para um "imaginário social" atrativo do Brasil. |
|--|---|

2) A UNILAB/Malês é uma universidade de integração internacional entre povos brasileiros e dos outros países da CPLP. Com base nisso um dos objetivos desta universidade é promover a integração entre povos destes países. Portanto, durante a sua formação acadêmica, em sua opinião a UNILAB/Malês é uma universidade que promove integração?

| Estudantes | Resposta |
|------------|--|
| B1 | Obviamente a minha resposta é sim. O fulcro da universidade é integração, internacionalização e interiorização, sou estudante guineense da entrada 2015.1 e durante a minha experiência acadêmica pude testemunhar o esforço da universidade em atingir esses objetivos principalmente no quesito de integração. Hoje em dia, além de corpo discente, a universidade acaba incorporando um numero significativo dos professores africanos, comparado com 2015 nos campus de Malês que tinha somente um professor africano oriundo de Cabo-Verde. |
| B2 | Sim, tenho vivido isso desde minha chegada. Primeiro, fui bem acolhido pela Universidade e pela comunidade acadêmica. Segundo, ao longo dos dias do meu curso, tenho feito amizades com pessoas de todas as nacionalidades presentes na UNILAB, embora o grosso número dessa amizade é com os africanos, sobretudo guineenses, por serem a comunidade mais próxima a mim. Porém, tenho amizades com angolanos e brasileiros/as e cabo-verdianos que são muito mais fortes do que as que tenho com meus compatriotas. |
| B3 | Falar da integração na UNILAB é um pouco difícil, pois vejo que a universidade tem projeto para fazer acontecer essa ideia maravilha de integrar os países da língua oficial portuguesa, no entanto isso não funciona em partes porque por parte dos estudantes não é muito visível a tal integração, os estudantes dos países integrantes não se integram digo isso porque eu vejo que os estudantes se aproximam mais com os seus conterrâneos do que os com outros, por outro lado a integração cultural acontece sim, pois a gente conseguiu conhecer as culturas dos outros países membros, modo de viver e até sistema constitucional dos países integrante. Lembro que quando cheguei tinha alguns grupos de extensão que promovia danças tradicionais de todos os países que fazem parte da UNILAB outros ensinavam os hinos nacionais dos países eu até fazia parte deste último e isso para mim é integração porque de alguma maneira me conecto com um desses países sem conhecê-los diretamente, hoje posso afirmar que conheço realidade desses países graças ao projeto da UNILAB. |

| | |
|----|---|
| B4 | <p>Sim, eu acredito que, por parte da UNILAB, a universidade cumpre com seu papel de promover a integração, apesar desta integração não funcionar como esperávamos que acontecesse, e os principais responsáveis para que isso não aconteça, somos nós os estudantes, nós não facilitamos. Por isso não culpo a UNILAB, pois não somos crianças nem alunos, somos ESTUDANTES. Esta “não integração” é fruto do nosso comportamento, da maneira como os estudantes enxergam um ao outro, fazendo jus a questão da aceitação do “outro”, já que pertencemos a realidades socioculturais diferentes. Logo entra a ideia de desconfiança com o intuito da autopreservação. De forma geral, eu enxergo mais este comportamento no relacionamento entre Brasileiros e africanos, embora haja também um clima de desconfiança entre nós mesmos africanos. De modo particular, referindo-se a mim mesma em relação aos estudantes brasileiros, fiquei muito chocado ao entender que, de maneira como eu enxergo e olho um colega brasileiro, “não sou vista e entendida” desta mesma forma, são muitos preconceitos disfarçados. Isso me fez voltar um pé para traz na construção dos meus relacionamentos para com os estudantes nacionais. Enquanto houver esse clima de “xenofobia”, desconfiança e pouco interesse por parte de nós mesmos em mudar essa conjuntura, a UNILAB nunca vai ter grandes êxitos tocante a política de integração verdadeiramente sustentável.</p> |
| B5 | <p>Sim. A UNILAB tem promovido uma integração intercambista entre estudantes da CPLP. No entanto, essa integração pode ser problematizada quanto a sua eficiente implementação. Por exemplo, existe integração quando nas disciplinas curriculares apresentam conteúdos ligados aos países que fazem parte do projeto da universidade. Também é integração quando nas aulas são abertas alguns debates que envolvem a realidade dos seus estudantes quer brasileiros quer internacionais. Entretanto, pode ser questionada se esta integração acontece fora dos espaços educacionais como sala de aula. Pelo que tenho observado, existe fraca interações entre os alunos de nacionalidades diferentes nos outros momentos.</p> |

3) Durante o seu estudo acadêmico na UNILAB/Malês, você já passou por alguma dificuldade acadêmica? Se a sua resposta foi sim quais foram às dificuldades e como conseguiu superá-las?

| Estudantes | Resposta |
|------------|--|
| B1 | <p>Com certeza sim. Para quem vem da Guiné-Bissau, a estrutura débil no ensino acaba não dando ferramentas completas para que o estudante possa se competir em qualquer lugar ou país que seja. Uma dessas dificuldades é a língua portuguesa (tanto na fala quanto na escrita), mas como a universidade promove um pensamento afrocentrada e decolonial acaba que não implicando muito nesse</p> |

| | |
|----|---|
| | <p>quesito, até porque quem é guineense a língua portuguesa é só falada nas escolas e raramente em instituições públicas e privadas, estatisticamente a estimativa é de 10% dos falantes. Outra dificuldade são os conteúdos para mim que já eram novos e o volume de leitura que eu não estava acostumado.</p> |
| B2 | <p>Sim, porque entrei com uma carga de leitura muito pequena, talvez, do que é pedido na faculdade. Antes de ingressar na UNILAB, só um livro que cheguei a ler até o final. Trata-se de um romance. Então, isso foi a minha maior dificuldade, visto que tive que dobrar o esforço lendo para acumular mais vocabulário e ampliar o meu repertório.</p> |
| B3 | <p>Sim passei, as dificuldades foram mais na adaptação do sistema educacional brasileiro, quando cheguei aqui deparei com termos que nunca ouvi os trabalhos que os professores pedem nunca fiz exceto resumo, mas também não era um resumo bem acadêmico, mas pelo menos esse conhecia o nome e sei básico sobre ele já os outros no caso das resenhas fichamentos e apresentar seminário nem sabia como começar, mas consegui melhorar e ainda estou melhorando com ajuda dos veteranos que nos explicava como é cada um dessas atividades sou muito grato a eles.</p> |
| B4 | <p>Sim, já passei, e ainda passo, por dificuldade acadêmica. Primeiramente, Brasil e a UNILAB formam contextos diferentes da que eu estava acostumado a viver, o sistema de ensino e a forma de ensinar são diferentes. Eu vive e estudei num contexto em que o ensino institucional se baseia mais no quesito tecnicista do ensinar e, acostumado a isso, me deparei, principalmente no início, com muitas dificuldades de uma possível nova adaptação e a questão do alargamento das competências e habilidades da INTERPRETAÇÃO e PRODUÇÃO de conhecimento acima de outro já elaborado. Todavia, estas são dificuldades eu consegui superar com grandes empenhos e dedicação na pesquisa e na interação com os veteranos que já se encontravam por aqui. No entanto, aqui estou eu enfrentando novas dificuldades e desafios e com a vontade de sempre superá-los.</p> |
| B5 | <p>Sim. Fui acometida por enfermidades que atrapalharam os meus estudos. Também, eu tive dificuldades financeiras porque os meus medicamentos eram caros, por isso, foi difícil arcar com os gastos e lidar com minhas atividades acadêmicas.</p> |

4) Você já se sentiu excluído em relação aos povos de outras nacionalidades? Se a sua resposta for sim, conte como foi essa exclusão. E qual foi a sua reação e atitudes que tomou?

| Estudantes | Resposta |
|------------|---|
| B1 | <p>A resposta é não. Pelo que eu saiba não; nunca me senti excluído dentro da universidade por qualquer outra nacionalidade. Mas podemos afirmar que cada nacionalidade tem as suas restrições e dinâmicas, nessa parte percebe-se que cada nacionalidade tem a sua exclusividade, principalmente, fóruns particulares. Sempre esforçamos que isso não acontece, temos Associação dos Estudantes Africanos e amigos da África (ASEA) que engloba todas as nacionalidades pertencentes na universidade.</p> |
| B2 | <p>Não. Pois, tenho tido boas convivências por onde passo, dentre os povos presentes na UNILAB.</p> |
| B3 | <p>Nunca me senti excluída, porque eu sou guineense e aqui tem mais guineense então não tem como eu ser excluído, tenho amigas das outras nacionalidades porque a nossa turma (entrada) foi abençoada com os estudantes de quase todos os países membros com exceção de Timor Leste portanto conheço todos da minha entrada a gente compartilha alguns conhecimentos sobre nossos países e temos uma amizade que acredito que vai além da UNILAB.</p> |
| B4 | <p>Sim, mais ou menos. E isso remete a relação entre nós africanos. Pelo que eu pude observar, o guineense, entre outros africanos aqui presentes na UNILAB, é o mais “excluído”, principalmente por causa do crioulo. As “exclusões” que enfrentei é relativo a isso, a questão da língua. Entretanto, em partes, eu entendo as vezes esta estranheza por parte de outras nacionalidades, o mesmo espírito de desconfiança faz com que eles nos vêm com aqueles olhares de peculiaridade, mas isso não justifica, imensamente, o comportamento e atitudes preconcebidas. Por conseguinte, a minha atitude quanto a isso foi sempre ser maleável e tentar explicar o por quê, e as vezes, crítico veementemente o preconceito disfarçado nas falas e mostro o quanto eu tenho orgulho da minha língua, símbolo da unidade nacional do meu povo.</p> |
| B5 | <p>Sim. Algumas vezes me senti excluída tanto por estudantes brasileiros como de outras nacionalidades. Talvez por falar crioulo quando estou com meus companheiros guineenses, ou talvez existe um preconceito em relação a Guiné-Bissau e os guineenses.</p> |

5) Quais são suas perspectivas para vida depois de finalizar seus estudos na UNILAB/Malês?

| Estudantes | Resposta |
|------------|--|
| B1 | As perspectivas são enormes. Sou formado em Bacharel em Humanidades e Licenciado em Ciências Sociais pela UNILAB; e, atualmente mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), então dá para perceber que ainda o meu foco é seguir na academia e desenvolver mais conhecimentos e pesquisas voltadas para Brasil e Guiné-Bissau. Quem sabe futuramente ser professor na Guiné-Bissau e na UNILAB. |
| B2 | É seguir com a minha vida acadêmica, fazendo pós-graduação na área do meu interesse. |
| B3 | As perspectivas são grandes espero conseguir pelo menos metade, depois de finalizar na UNILAB quero e muito fazer mestrado e depois do mestrado procurar uma coisa para fazer que vai me servir da sobrevivência. |
| B4 | Eu ainda almejo seguir com os meus estudos para o nível de pós-graduação e conhecer as outras realidades do Brasil. |
| B5 | Pretendo seguir para mestrado. |

6) Depois do término do Curso pretendes voltar a Guiné-Bissau? Por quê?

| Estudantes | Resposta |
|------------|---|
| B1 | O meu objetivo sempre é de um dia voltar para Guiné-Bissau. Destarte, sou muito grato ao Brasil e o povo Brasileiro, por tudo. A minha decisão de voltar tem a ver com o momento real de país, que vem atravessando durante anos e anos, escassez em toda parte, considerando a urgência, a Guiné-Bissau precisa apoio quase em todo setor mais que nunca. |
| B2 | É a coisa que não sai da minha cabeça. Pessoalmente quero muito voltar para o meu país depois dos estudos, mas não sei o que o futuro está guardando para mim. Então, a minha resposta é sim, pretendo voltar. |
| B3 | De primeira não pretendo voltar para Guiné-Bissau sem que haja uma condição básica para manter lá, porque vindo duma família pobre não quero voltar lá e ter que reviver tudo de novo esperando que a mãe saia para vender para depois comprar comida essa é uma das principais razões, pois quero trabalhar aqui ou na Europa para ter condições básico de ajudar minha família e a mim depois voltar, penso assim porque conhecendo a situação do meu país não ser nada fácil chegar e conseguir emprego, por isso quero construir um alicerce primeiro para depois voltar quem sabe eu mesma monto minha pequena empresa e trabalho para mim mesmo. |

| | |
|----|--|
| B4 | A princípio não. Gostaria de seguir e depois de pós-graduação gostaria, sim, de voltar para o meu país, se houver oportunidades de eu conseguir me empregar por lá. |
| B5 | Sim. Desejo muito voltar a Guiné-Bissau para trabalhar e viver. |

4.2.3 Entrevistas com guineenses ex-alunos da UNILAB/Malês

1) Na sua opinião, o que obriga estudantes guineenses saírem de seu país para estudar no estrangeiro, em específico Brasil (UNILAB/Malês)?

| Estudantes | Resposta |
|------------|--|
| C1 | A Falta de oportunidade de Ensino Superior de qualidade, a instabilidade política e os custos elevados das mensalidades. |
| C2 | Além de falta de oportunidade, o gosto ou desejo de fazer um curso de qualidade. |
| C3 | Bem, essa resposta deve ser relativa, pois a maior parte dos estudantes guineense no Brasil (UNILAB), são da família da baixa renda ou média, a UNILAB para maioria dos guineenses é uma bolsa/vaga de estudo com pouco índice de corrupção no seu processo, para maioria essa oportunidade não só ajuda os estudantes na sua formação , mas também, envolve melhoria de condição da família. |

2) A UNILAB/Malês é uma universidade de integração internacional entre povos brasileiros e dos outros países da CPLP. Com base nisso um dos objetivos desta universidade é promover a integração entre povos destes países. Portanto, durante a sua formação acadêmica, em sua opinião, a UNILAB/Malês é uma universidade que promove integração?

| Estudantes | Resposta |
|------------|--|
| C1 | Sim. A experiência cultural que tive na UNILAB duvido existir em outra universidade do Brasil |
| C2 | Nos anos iniciais essa política funcionou , digo isso porque fui alunos pioneiros do campus dos Malês, mas com o tempo isso mudou. |
| C3 | Sim, porém, com o aumento dos números dos estudantes é pouco visível enxergar essa interação , ou melhor, agora esses processos estão ficando cada vez mais lenta, tendo em conta a grande quantidade de integrantes dos países que |

| | |
|--|--|
| | fazem parte da UNILAB, tudo isso implica na rotura do que é objetivo da instituição. |
|--|--|

3) Você já se sentiu excluído em relação aos povos de outras nacionalidades? Se a sua resposta for sim, conte como foi essa exclusão e qual foi a sua reação e atitudes que tomou?

| Estudantes | Resposta |
|------------|--|
| C1 | Não. Sempre tive boa relação com todas as nacionalidades na UNILAB. Sempre fui tratado com respeito e admiração. |
| C2 | Sim , chamei atenção de que aquilo só fazia perder um dos mais importantes coisas que a nossa universidade possuía. |
| C3 | Não . |

4) Durante o seu estudo acadêmico na UNILAB/Malês, você já passou por alguma dificuldade acadêmica? Se a sua resposta foi sim quais foram às dificuldades e como conseguiu superá-las?

| Estudantes | Resposta |
|------------|--|
| C1 | Dificuldade acadêmica, não . |
| C2 | As minhas dificuldades foram de adaptação , superei todas elas com o empenho e muito estudo. |
| C3 | Sim, durante toda minha trajetória na UNILAB, senti dificuldades nas leituras e compreensão dos textos , pois no início a minha maior dificuldade era a linguagem , as vezes os termos proferidas na sala eram desconhecidas, com o tempo comecei a familiarizar e enquadrando, com o tempo superei minhas dificuldades, porém, como é um processo de aprendizagem sempre haverá dificuldades . |

5) O que te motivou a voltar a Guiné-Bissau?

| Estudantes | Resposta |
|------------|---|
| C1 | Sempre encarei a UNILAB como um projeto que se completo com o retorno da mão de obra qualificada para seus países. E também nunca foi minha intenção ficar depois da formação. Acredito que a Guiné precisa muito mais de mim, do que qualquer outro país. |
| C2 | Sempre tive compromisso comigo mesmo, com a minha pátria, minha família e o futuro do país. Há formas de contribuir mesmo estando longe, mas prefiro trazer pessoalmente o conhecimento que adquiri fora do país. |
| C3 | Na verdade, voltei para rever a família e aproveitar férias , pois tenho outros projetos que é fazer mestrado em Portugal. |

4.3 COMENTÁRIOS ANALÍTICOS SOBRE AS RESPOSTAS DADAS

As nossas análises sobre as respostas dos entrevistados estão organizadas de acordo com os principais temas abordados através de nossa coleta de dados, ou seja: 1) Formação fora da Guiné-Bissau; 2) Dificuldades e desafios enfrentados; 3) Integração e exclusão na universidade; 4) Vida pós-UNILAB/Malês: perspectivas e retorno à Guiné-Bissau. Acreditamos que essa divisão melhor organiza as análises realizadas.

4.3.1 Formação fora da Guiné-Bissau

Ao analisarmos as respostas dadas pelos nossos/as entrevistados/as compreendemos que o que obriga os estudantes guineenses a procurar outros países para seus estudos e formação profissional são as políticas de Estado ligadas a área de educação. Quase todas as respostas destacaram que há falta de universidades na Guiné-Bissau – tanto públicas como privadas – para formação superior dos guineenses. Foram apontadas também questões relacionadas a esses problemas como a péssima qualidade de ensino, a falta de professores capacitados, a escassez de bibliotecas e materiais de ensino, e a falta de cursos de graduação que atendam os desejos dos estudantes.

Para, além disso, a situação financeira do país e das famílias também consistem em um problema grave, uma vez que a grande maioria dos guineenses não possui recursos suficientes para pagar pelos cursos nas universidades. Com os argumentos apresentados pelos entrevistados/as, chegamos à conclusão de que os estudantes guineenses são obrigados a

saírem do país para estudar no estrangeiro devido à escassez de uma política satisfatória adotada pelo Estado guineense para a educação. Uma política que garanta um ensino público de qualidade, oferecendo uma formação acadêmica e científica adequadas para os desafios sociais a serem enfrentados na sociedade guineense, pois segundo as justificativas dadas, se o Estado adota uma política melhor para educação em relação ao que é vigente hoje no país (greve, falta de professores, universidades, bibliotecas, cursos entre outros), permitiria com que os estudantes ficassem no país, dando sequência aos seus estudos.

A escolha da UNILAB/Brasil pelos estudantes guineenses não é de hoje, isto é, como sabemos, a relação entre os dois países na área da educação começou num período tardio, antes da criação da UNILAB. Já havia projeto de cooperação entre os dois países ligados à área de educação como é o caso de Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), então o que pretendemos apresentar aqui, é o motivo da escolha da UNILAB/Brasil pelos estudantes guineenses.

Compreende-se que um dos motivos que obriga estudantes guineenses à procura de bolsas de estudo da UNILAB, é que esta universidade oferece auxílios para estudantes estrangeiros e possui uma série de programas de bolsas que fortalecem a formação dos estudantes além de ajudarem o sustento no Brasil. Destaca-se que a UNILAB é uma das instituições no país que oferece mais vagas e cursos atrativos para estudos. O outro aspecto que é importante destacar aqui é que o processo seletivo para estudantes estrangeiros da UNILAB é um concurso transparente e confiável que favorece a participação de pessoas de baixa renda para que possam concorrer e conseguirem realizar seus sonhos de estudar num país estrangeiro em cursos de suas preferências. Por outro lado, a questão da língua também favorece uma aproximação histórica e cultural com a Guiné-Bissau. Destaca-se aqui as influências das telenovelas brasileiras na sociedade guineense, dentre outras questões ligadas à cultura brasileira que estão presentes no cotidiano guineense.

4.3.2 Dificuldades e desafios enfrentados

Com relação à integração e às dificuldades e desafios possivelmente vivenciados na universidade, boa parte das respostas dadas por nossos/as entrevistados/as expressam que, durante suas adaptações iniciais na UNILAB/Malês, viveram um período muito difícil devido à realidade educacional brasileira, que é completamente diferente a guineense. Também destacaram alguns desafios acadêmicos com relação à produção de textos pertencentes ao universo acadêmico, como resenhas, resumos, fichamentos, ensaios, além de dificuldades com

o manuseamento da plataforma SIGAA e o com o conhecimento e aplicação das normas de ABNT. Todas essas questões consistiam em algo novo para eles, sendo dificuldades ainda existentes e que estão sendo superados com ajuda dos tutores, estudantes veteranos, e até também alguns professores.

Neste aspecto, vale ressaltar o papel da UNILAB/Malês e a importância de programa PULSAR, programa universitário que possui seus tutores para ajudar na superação destas dificuldades, conforme explicado no capítulo II desta monografia. Igualmente, destacamos a importância do Seminário de Ambientação Acadêmica (SAMBA), que é um programa coordenado pela Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAAE/UNILAB), que tem como objetivos a troca de experiências entre estudantes ingressantes e veteranos, dar uma explicação de panorama geral como as coisas funcionam na UNILAB/Malês e dar boas vindas aos estudantes ingressantes, normalmente este seminário acontece no início do semestre e isso, por sua vez, nos mostra que a UNILAB/Malês apresenta uma pertinente preocupação com as dificuldades vivenciadas pelos seus estudantes, por isso criou esses programas e outras ações como forma de superação de tais obstáculos e proporcionar uma boa integração aos seus estudantes.

Pode-se dizer que as questões de convivência intercultural também são desafiadoras para os estudantes guineenses. Pois, o processo da integração proposto pela a UNILAB/Malês é um dos aspectos que contribuiu bastante para uma boa formação intercultural dos seus estudantes, pois se vejamos ser aluno da UNILAB/Malês, é um privilégio, pois porque esta universidade permite seus estudantes a conhecerem e a vivenciarem diferentes tipos de experiências culturais com povos de países e continentes diferentes. E como acrescenta um dos nossos entrevistados que “a experiência cultural que tive na UNILAB/Malês duvido existir em outra universidade do Brasil”, então esta citação e outras respostas dadas pelos/as nossos/as entrevistados/as demonstram que estudar na UNILAB/Malês não é só partilhar a mesma universidade com povos de diferentes partes do mundo, mas adquirir experiências culturais de diferentes partes do Brasil e dos países da CPLP, e essas diferentes experiências culturais dentro da UNILAB/Malês em todo caso contribuem na formação intercultural do estudante.

4.3.3 Integração e exclusão na universidade

Quanto à integração dos estudantes guineenses dentro da UNILAB/Malês, constatamos a partir das respostas dadas pelos/as nossos/as entrevistados/as que a

universidade em si conseguiu promover a integração principalmente junto aos alunos ingressantes. A integração dentro da UNILAB/Malês nos momentos iniciais é um processo abraçado por quase todos os estudantes, porque alunos/as interagem entre si e conhecem a cultura uns dos outros. Isto justifica que, em alguma medida, a UNILAB/Malês, conseguiu promover a integração entre seus estudantes. A presença dos programas institucionais e a presença de professores africanos faz com que esse comprometimento torne-se mais engajado e evidente dentro da universidade. No entanto, a UNILAB/Malês não consegue, por si só, garantir essa integração e inclusão dos estudantes estrangeiros.

É importante ressaltar aqui a questão relacionada à exclusão dos estudantes guineenses por parte dos estudantes de outras nacionalidades, tanto os nacionais e como também por parte de outros estudantes internacionais. Compreende-se que, nas falas dos/das nossos/as entrevistados/as houve declarações distintas em que alguns consideraram que nunca passaram por exclusões ou se sentiram excluídos em relação às pessoas de outras nacionalidades, mas outros consideraram que já passaram pelo problema por parte de pessoas de nacionalidade diferente.

Compreendemos que, possivelmente, os estudantes ingressantes não se sentiram excluídos/as devido a seu pouco tempo de convivência na universidade. Por outro lado, compreendemos que os estudantes concluintes, por terem mais vivência na universidade, declararam que, pelo menos uma vez, já se sentiam excluídos/as em relação às pessoas de nacionalidades diferentes. Essas duas justificativas ambíguas mostram que é provável quanto mais tempo a pessoa passa na UNILAB/Malês, mais ela é capaz de perceber alguma falta de integração e de se sentir excluída por pessoas de outras nacionalidades, ou seja, por outro lado, como a maioria dos/as entrevistados/as são mulheres isso acaba dificultando seus relacionamentos com pessoas de outras nacionalidades.

Por outro lado, a outra justificativa que pode ser encontrada para explicar esta questão da exclusão é que, ao contrário do que aconteceu nos momentos iniciais, segundo as nossas análises, com os crescentes números de chegadas dos/as estudantes, principalmente internacionais, isso faz com que a interação entre os/as estudantes esteja acontecendo mais entre as pessoas da mesma nacionalidade do que entre pessoas de nacionalidades diferentes, como acontecia no início. Isso, por sua vez, contribuiu para que haja fraca visibilidade da interação e da exclusão entre estudantes.

A relação entre o “eu” e o “outro” se dá desde a aceitação deste “outro” até na sua exclusão, principalmente numa sociedade que sofreu a colonização e seus rastros ainda são vigentes. Então esta “desconfiança” e a “estranheza” entre as pessoas constituíram um dos

pontos principais no relacionamento entre “eu” e “outro” o que acaba não só dificultando a interação com esse “outro” como também permite a sua exclusão, com isso os argumentos apresentados aqui remetem ao que foi discutido no Capítulo I deste trabalho, nesse sentido interligando os pontos entre as respostas dadas na entrevista e as abordagens teóricas feitas referentes às questões de identidade, integração, diferença, alteridade, multiculturalismo e interculturalidade podemos perceber como este aspecto de inclusão/aceitação e da exclusão se dá no contexto da UNILAB/Malês entre os estudantes nos seus primeiros momentos na sala de aula, pois nesses momentos iniciais cada estudante tenta preservar sua identidade, sua cultura, e isso acaba fazendo com que haja um clima de estranheza e desconfiança entre estudantes, o que faz consequentemente para que houvesse pouca interação entre os alunos.

A integração consiste em um processo de união que incorpora e junta pessoas de diferentes nacionalidades, países, regiões, culturas, religiões etc. Só que, dentro desse processo da junção e incorporação entre “eu” e “outro”, acontece tanto a aceitação como também a exclusão desse tal “outro”. As identidades, muitas vezes estranhas, nem sempre convivem pacificamente e, nesse sentido, compreendemos por bem que num processo de integração é muito importante que o entendimento da questão da interculturalidade seja promovido como forma de permitir que haja conhecimento e reconhecimento de diferenças, respeito e, possivelmente, harmonia nessa interação entre culturas e pessoas diferentes. Os pressupostos da interculturalidade visam romper com as exclusões e barreiras culturais impostas e contribuir para que haja uma interação saudável. Nesta senda, compreendemos que num processo de integração a interculturalidade não pode ficar de fora, porque serve como base para uma boa convivência e evitar as exclusões entre as partes.

4.3.4 Vida pós-UNILAB/Malês: perspectivas e retorno à Guiné-Bissau

O último tópico a ser abordado nessa análise diz respeito às questões ligadas à vida pós-UNILAB/Malês, envolvendo as perspectivas dos estudantes e um possível retorno ao país de origem. Diante disso, compreendemos que muitos dos/as nossos/as entrevistados/as pretendem ainda dar sequência com seus estudos em nível de pós-graduação (mestrado e doutorado). Também não descartam a possibilidade de voltarem ao país, entretanto, no momento, ainda estão focados em suas formações acadêmicas. Por outro lado, este fenômeno de continuação de estudos no estrangeiro nos mostra que a situação do ensino guineense ainda se encontra com grandes dificuldades e que o país ainda apresenta uma falta de universidades e uma estrutura de ensino superior adequada.

Além de dar sequência aos estudos, outra coisa que também chama a atenção na resposta dos entrevistados é a possibilidade de trabalhar, não só no Brasil como também nos outros países. Esta ideia consiste numa forma de arrumar condições básicas financeiras para suas vidas, uma vez que a questão do emprego ainda é tão precária na Guiné-Bissau. Então, fica evidente que depois de concluída a graduação na UNILAB/Malês, os/as entrevistados/as não pensam no retorno imediato ao país de origem, buscando ampliar sua bagagem acadêmica e financeira para um retorno mais seguro no futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia propusemos um estudo relacionado às questões das experiências da integração e desafios enfrentados pelos os estudantes guineenses durante suas formações acadêmicas na UNILAB no Campus dos Malês. Nosso objetivo central era analisar como se dá a integração vivenciada por estudantes guineenses no decorrer de sua passagem pela UNILAB/Malês, bem como compreender quais os maiores desafios que enfrentam ao longo de sua formação acadêmica. Procuramos também compreender porque esses estudantes buscam o Brasil – e, em especial, a UNILAB – para realizarem seus cursos de graduação. Por fim, nossa intenção é perceber as pretensões dos estudantes da Guiné-Bissau para o período pós-UNILAB/Malês, ao concluírem suas graduações.

Ao longo do trabalho, compreendemos que, nos momentos iniciais da vida acadêmica, o relacionamento entre estudantes guineense e os/as outros/as estudantes constitui num clima de estranheza e desconfiança. Então, para que melhor pudéssemos entender essas questões, estudamos e discutimos conceitos como multiculturalismo, interculturalidade, a diferença e identidade, como forma de ajudar-nos a entender melhor como se dá um processo da integração num contexto escolar multicultural como a UNILAB/Malês.

No que concerne à relação entre multiculturalismo e a integração, aprendemos que o multiculturalismo – visto pelo pensamento colonial sempre como um problema à lógica homogeneizadora – é, na verdade, um desafio, mas uma riqueza, constituindo-se como uma peça fundamental para que haja uma boa convivência entre as pessoas num contexto de integração. A partir do entendimento da riqueza trazida pelo multiculturalismo, é possível promover não só respeito entre indivíduos, como estudo sobre culturas diferentes. Também favorece a aceitação de diferenças culturais existentes. Então, neste âmbito, pensar o multiculturalismo no contexto da integração, como da UNILAB/Malês, é pensar a chave principal que constitui uma boa relação de pessoas de culturas diferentes num só ambiente.

Diante desse cenário, compreendemos que a relação entre a interculturalidade e a integração é muitíssima importante, no sentido de que, além do efeito do multiculturalismo na integração, a interculturalidade também constitui uma espécie de alicerce para que haja uma boa interação entre pessoas de origens diferentes. Enfrentar o desafio das diferenças culturais é enfrentar a mentalidade colonial que nos foi imposta pelos colonizadores, entendendo que não há cultura superior à outra, ou cultura mais importante que outra. Na integração, para além de permitir a interação entre culturas diferentes, também permite que não haja hierarquização entre povos e suas culturas.

No que diz respeito à questão da identidade, é importante entender como ela se constrói num contexto de integração internacional. Diante disso, compreendemos que a identidade serve como forma de nos identificarmos em relação às outras pessoas, e de auto-reconhecermos. Porém, esse auto-reconhecimento do “EU” dentro de um processo multicultural, em todos os seus desafios, pode acabar nos distanciando do “OUTRO” como forma de defesa ou mesmo preconceito, o que acaba por, conseqüentemente, não só individualizar e isolar a pessoa, como também permite a sua exclusão ou a exclusão desse “OUTRO”. Por isso, entendemos que, num processo de integração, é muito importante haver uma construção de identidades abertas ao convívio com as diferenças, tirando o melhor proveito ofertado pelas questões da interculturalidade e de multiculturalismo como forma de combater as barreiras coloniais que acabam por excluir as pessoas.

É preciso enfatizar que ainda há poucas obras escritas sobre os desafios enfrentados no processo da integração pelos estudantes guineenses na UNILAB/Malês no Campus dos Malês. Então, escrever um trabalho desse tipo tornou-se uma tarefa complexa, mas que servirá não só como de referência para futuros/as pesquisadores/as, como também de material para compreensão dessas questões para que, em alguma medida, esse processo desafiador da integração entre indivíduos de culturas diferentes possa ter mais êxito e menos exclusões.

Portanto, voltando aos objetivos do nosso trabalho, e analisando cada um deles com base nas respostas obtidas compreendemos que o processo da integração dentro da UNILAB/Malês, não é um processo tão fácil como se pensa, tendo em conta a realidade diferente de ensino do Brasil e da Guiné-Bissau. Isso, por sua vez, acaba constituindo uma das dificuldades acadêmicas deparadas pelos/as estudantes nos seus momentos iniciais. A metodologia de ensino é diferente, assim como as dinâmicas universitárias e as produções de textos acadêmicos são grandes desafios aos guineenses. Além disso, a questão da língua, da cultura e a convivência com pessoas de outras nacionalidades constituíram um dos aspectos pelos quais estudantes precisam se esforçar para se adaptarem melhor em seus processos da integração.

Neste trabalho também compreendemos que a falta de universidades, tanta pública como privadas, para graduação e pós-graduação, associada à falta de uma boa qualidade de ensino e a situação política atual vigente na Guiné-Bissau, são fatores determinantes tanto para a vinda de estudantes guineenses para o Brasil, quanto para sua permanência no país mesmo depois de se graduarem. Sendo motivos que dificultam o regresso destes/as estudantes, pretendemos destacar aqui a intenção adicional deste trabalho em chamar a atenção do Estado guineense no sentido de que estes problemas elencados acabam

constituindo um impacto negativo na vida dos/as estudantes e o próprio país. Estes problemas acabam dificultando a possibilidade de darem seus contributos para o desenvolvimento do país e, neste sentido, compreendemos que se o Estado guineense cumprisse com seu papel, talvez ajudaria no regresso destes/as estudantes ao país.

Por fim, o trabalho aponta para a necessidade de trazer à tona todas essas questões discutidas até aqui, como forma de ajudar na compreensão de quão é difícil esse processo da integração e como é necessário um esforço coletivo para fazê-lo acontecer. Em alguma medida, o projeto internacional de integração intercultural promovido pela UNILAB/Malês segue esse caminho, ainda que os desafios sejam grandes e nem sempre se consegue uma solução apenas na universidade. É preciso que a política brasileira, a política internacional que envolve as nações participantes da UNILAB/Malês, a CPLP, o corpo docente e discente, todos estejam engajados em fazer uma integração que traga uma superação dos problemas causados pelo passado colonial. Portanto, promover um debate desse tipo dentro da UNILAB/Malês é uma forma de contestar e trazer a público o que está acontecendo e o que é preciso para superar e ultrapassar esses problemas.

Dentre todas as questões discutidas até aqui as nossas sugestões vão no sentido de que a UNILAB/Malês como sendo uma universidade diversificada que pretende promover a integração não só entre estudantes como também com a comunidade, nesse sentido entendemos por bem que UNILAB/Malês deve proporcionar algumas atividades pelo menos o início ou no final do semestre onde vai poder participar a comunidade são franciscana como forma facilitaria o processo da integração de seus/as estudantes em relação ao povo da comunidade.

Referências

- CANDAU, Vera Maria. MOREIRA, Antônio Flávio. Multiculturalismo Diferenças culturais e práticas pedagógicas. In **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.
- CHAER Galdino. DINIZ Rafael Rosa Pereira. RIBEIRO Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Evidência*, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.
- COEST-PROPÆ. Seminário de Ambientação Acadêmica (SAMBA), Disponível em: https://unilab.edu.br/coordenacao-de-politicas-estudantis-coest/?_ga=2.155051578.368052818.1653423093-886512929.1650982225 Acesso em 25 Mai. 2022.
- DAMÁZIO, Eloise da Silveira Petter. Multiculturalismo versus interculturalismo: **por uma proposta intercultural do Direito Desenvolvimento em Questão**. vol. 6, núm. 12, julho-diciembre, 2008, pp. 63-86 Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul Ijuí, Brasil.
- DA SILVA. Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença: a perspectiva de estudos culturais**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2012.
- DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB. Disponível em: [\(PDF\) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -UNILAB DIRETRIZES GERAIS | Valério Carvalho Filho - Academia.edu](#): Acesso em 25 jan. 2022.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- MANZINI, E. J. **Entrevista Semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In: **seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN 85-98623-01-6. 10p.
- PIRES, Rui Pena. **Uma teoria dos processos de integração. Sociologia-problemas e práticas**, nº30, 1999, pp.9-54. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/880/1/1.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- PROGRAMA PULSAR. Disponível em: [Manual-do-Tutor-do-Programa-Pulsar-Maio-2019.pdf](#). Acesso em: 20 jan. 2022.
- RAMOS, Natália. **Educar para a interculturalidade e cidadania: Princípios e desafios**. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2016.
- SANCHES, Isabel; TEODORO, António. **Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos**. Revista Lusófona de Educação, 2006, 8, p. 63-83.
- SILVEIRA Denise Tolfo; CÓRDOVA Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: **métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- SUMBA, Júlio Quintino Cam-Nate. **Estudantes africanos na UNILAB Campus dos Malês (São Francisco do Conde) entre os anos 2014 – 2018**. Monografia (graduação) - Instituto de

Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

TCHAM, Ismael. **A África fora de casa: Sociedade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil**. Recife, 2012. 99 páginas. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). 2012.

TILIO, Rogério. Reflexões Acerca do Conceito de Identidade. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. ISSN-1678-3182. Volume VIII Número XXIX Abr-Jun 2009.

UNILAB. **Dados quantitativos DRCA**. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira. 2020. Disponível em: <https://unilab.edu.br/dadosquantitativos/> Acesso em: 07 jul. 2022.